Da Mihi Animas
REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

dma

2017
ANO LXIII - Trimestral
02

A profecia da fraternidade

Nesta edição: tradução dos textos para a Língua Portuguesa

dma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

NÚMERO 01 . 2017
Ano LXIII
TRIMESTRAL

www.rivistadma.org

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1, comma 2 – DCB Roma
www.rivistadma.org
na capa
foto Archivio FMA
Editor
Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma
tel. +39 06872741
fax +39 0687132306
e-mail: dmanews1@cgfma.org
Diretora responsável
Mariagrazia Curti
Redação
Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore
Colaborações
Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini, Mara Borsi, Maria Antonia Chinello, Anna Rita Cristaino, Emilia Di Massimo, Dora Eylenstein, Palma Lionetti, Anna Mariani, Maria Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez, Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha Séïde, Giuseppina Teruggi, Maria Grazia Caputo, Caterina Cangià, Mariano Diotto, Paolo Ondarza, Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese, Consiglio generale FMA
Layout e gráfica
VICIS Srl
paginação e tipografia
VICIS Srl
V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edição Extracomerciale

La revista **dma** è realizada sobre carta ecolgica certificatda FSC, costituida de pura celulose e.c.f. e por un elevado conteúdo de fibras de recuperação (pelo menos 5%).

na capa
foto arquivo das FMA

Associativa USPI
Unione Stampa periódica italiana

SUMÁRIO

EDITORIAL 03

A Paz é o caminho
Fraternidade e paz 04

Cultura ecológica
Proteger o ecossistema terrestre 05

Fio de Ariadne
O gosto do sucesso 08

Dossiê
A profecia da fraternidade 10

O caminho de Damasco
A diferença cristã 14

Horizante família
Como as famílias "sentem" a fé? 16

COMUNICAR

 # Mulher
Mulher e Igreja 18

Focus
Educomunicação: estratégia do encontro 20

A voz dos jovens
Dizer misericórdia é dizer futuro 22

Polifonia
Serviço de autoridade e de poder 23

Comunicar
Comunicar dentro e fora 25

Cinema
Marie Heurtin
Da treva à luz 27

Literatura
Lion. A estrada para casa 28
Carta a uma jovem na Turquia 30

Música
A influência das redes sociais na música 31

Laboratório-imagem
Entre foto de surpresa e foto dirigida.
Ideias para fotografar 32

Camilla
Palavras verdadeiras, palavras vivas 34

Focus

Editorial

A profecia da fraternidade

Repercorrendo o fio condutor da profecia, tema proposto para este ano, entramos no coração da **profecia da fraternidade.** Ela nos convida a caminhar rumo a uma fraternidade universal, que se faz visível ao colocar-nos lado a lado com os mais próximos, aqueles com os quais caminhamos juntos e podemos ser anúncio vivo da mensagem de Jesus. Fraternidade como empenho a transformar o tecido social em espaços e tempos de valores evangélicos. Fraternidade como passos dados na direção de uma convivência solidária, como comunidades onde se exercita a comunhão dos bens e dos dons.

A fraternidade se sustenta e encontra a sua essência na experiência pessoal com Jesus, o Filho de Deus. Ser filhos nos abre à experiência de ser irmãos/irmãs, e entra em jogo a nossa sensibilidade ao reconhecer a diversidade e a sacralidade do outro como espaço da presença de Deus, como mistério que esconde-revela o rosto do Senhor.

Como viver e relançar a profecia da fraternidade? Vivemos numa sociedade complexa, marcada por um forte individualismo. E sentimos mais que nunca a necessidade de reverter esta atitude para criar a cultura da fraternidade. «Nos dias de hoje, em que as redes e os instrumentos da comunicação humana alcançaram desenvolvimentos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a "mística" de viver juntos, de misturar-nos, encontrar-nos, abraçar-nos, apoiar-nos, participar desta maré quase caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada» (EG 87). A mística da fraternidade é um exercício de profunda humanidade, no empenho cotidiano de reconhecer no rosto de cada pessoa, o mistério e a presença de Jesus. Este "reconhecer" toma corpo e visibilidade nos gestos de aproximação e cooperação com os demais; no desejo de doar e compartilhar o próprio tempo; de acompanhar os jovens no seu caminho existencial e, com eles, caminhar rumo à santidade que se manifesta na fraternidade, reveladora da Trindade.

Percorrer os caminhos da Profecia da fraternidade significa procurar a sua concretude na mensagem profunda do Evangelho, isto é, assumir a novidade do Amor incondicional para com o outro, imagem e semelhança do Outro. É abraçar a mística das portas abertas do coração que deixa todos entrar, com gentil acolhida. É abrir a própria casa, dando o primeiro passo para incluir o outro. Não se trata apenas de abrir a própria casa, mas também de sair e abrir-se ao convite de entrar na casa dos outros, espaço sagrado porque ali habita Deus, compartilhando o pão feito em casa, com o sabor da fraternidade.

Continuando a dar os nossos passos juntos, na "santa peregrinação", a profecia da fraternidade será a luz que ilumina e o sal da terra que traz sabor ao nosso mundo contemporâneo.

Maria Helena Moreira
nhmoreira@cgfma.org

Fraternidade e paz

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@fma.org

***A fraternidade, fundamento e caminho para a paz!* Um binômio perfeito, envolvente, concretíssimo para se viver a militância no caminho da paz. De fato, não existe paz que não seja baseada na fraternidade; e não existe fraternidade que não saiba gerar um fruto de paz. (Mensagem do Papa Francisco para a XLVII Jornada Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2014)**

Vamos imaginar que na família, na escola, no oratório, em cada ambiente e instituição educativa, não se diga: "hoje vamos falar de paz", mas, em vez disso: "Hoje vamos falar da beleza de nos sentir irmãos e irmãs!". Tudo mudaria. Não é questão nominal, mas de conteúdo, de visão, de experiências a serem contadas. Constata-se, de fato, que a paz é construída na família, nas aulas da escola, nos pátios do oratório, no trabalho em equipe e nas decisões dos diversos âmbitos culturais, sociais e políticos! É no coração dos jovens, nas suas mentes que se criam sentimentos de paz, de respeito pelo outro, de justiça social, de diálogo e de acolhida das diferenças culturais, étnicas, religiosas. Aqui nasce a fraternidade, isto é, gera-se a cultura do encontro, do diálogo, do confronto, do perdão, do cuidado!

Fraternidade- Irmandade

"Todo homem é meu irmão". A paz é a grande ideia celebrativa do amor entre os homens que se descobrem irmãos e irmãs, e se decidem viver como tais. Na Declaração universal dos *Direitos humanos,* lê-se: *"todos os homens nascem livres e iguais na dignidade e nos direitos; eles são dotados de razão e de consciência, e devem comportar-se como irmãos, uns dos outros".*

O Papa Francisco, na sua auto-apresentação como bispo de Roma, discorreu sobre a convivência fraterna como itinerário do povo de Deus em solidariedade com o mundo inteiro. «E agora, nós: bispo e povo, comecemos este caminho. Este caminho da Igreja de Roma que, na caridade, preside todas as Igrejas. Um caminho de convivência fraterna, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre por nós, uns pelos outros. Rezemos pelo mundo todo, para que exista uma grande harmonia fraterna».

> *O sonho de Deus sobre a Família humana inteira é a comunhão, a paz.*

Mesmo sendo a fraternidade "um dote que cada homem e mulher, traz consigo como ser humano, filho de um mesmo Pai", encontra-se, todavia, "diante de múltiplos dramas que ferem a família dos povos: a fome, o subdesenvolvimento, os conflitos, as migrações, a poluição, a desigualdade, a injustiça, a criminalidade".

A Madre Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, na Carta circular n. 969, diz: Em muitas regiões do planeta, a família humana é ferida com formas de violência que atingem as pessoas mais vulneráveis, em particular as crianças, os jovens, as famílias, os pobres, os refugiados, os migrantes. O nosso tempo requer grande coragem e empenho. Porém, sempre existe uma boa notícia a ser acolhida: **a paz é possível!** Trata-se da paz que Jesus veio trazer e que nos impulsiona a sermos artífices de paz, hoje, por meio de gestos cotidianos, de pequenos sacrifícios, de escolhas concretas que plasmem um novo estilo de vida fundado na comunhão. "Nós, mulheres consagradas e educadoras, somos interpeladas a caminhar por esta estrada, com esperança e confiança, e ser com os jovens, "comunidades-laboratórios de paz", no encontro com Jesus, que é a nossa paz».

Quais atitudes pessoais e quais escolhas comunitárias percebemos indispensáveis para sermos hoje um evangelho de paz, na Igreja e na sociedade do nosso tempo?

Como responder com os jovens, a este desafio?

> *O futuro tem os pés descalços. O que conta é encontrar-se fazendo o bem.*

Fraternidade-Cuidado

Cuidar**, curar as feridas, construir relacionamentos. "O poder dos sinais"** no começo do pontificado do Papa Francisco: *o lava-pés dos meninos e meninas detidos no cárcere de menores* de Casal Marmo, e a visita a *Lampedusa* onde ainda ressoa o grito: *"Onde está o sangue do teu irmão cujo grito chega até mim?".*

É o **senso da responsabilidade fraterna.** São passados dois anos desde que o Pe. Frans van der Lugt foi morto na Síria, em Homs, no dia 7 de abril de 2014. Missionário jesuíta holandês, foi assassinado aos 76 anos, em sua casa, por homens armados. Em meio à guerra síria, nunca quis sair da Cidade velha de Homs, que estava nas mãos dos rebeldes, para «não deixar sozinhos» os últimos cristãos que lá ficaram. Ajudando cristãos e muçulmanos, acolhendo cada um deles (dizia: «eu não os vejo como cristãos ou muçulmanos, vejo-os como seres humanos»). Ficou em Homs como último sacerdote, enquanto todos fugiam. «Devo muito ao povo sírio, tudo o que tenho; e, se agora sofrem, quero compartilhar sua dor e suas dificuldades. E assim fez: «Os rostos das pessoas pelas ruas, são pálidos e sofridos. Seus corpos perderam a força. Procuro ajudá-los não analisando os seus problemas, que são óbvios e não têm solução. Eu os escuto e lhes dou todos os víveres que tenho». Padre Frans fez muito mais do que um simples «diálogo interreligioso», foi «fonte de esperança».

Urge fazer experiências de encontro e de confronto, superar a preguiça do fechamento no próprio grupo, aprendendo a reconhecer a originalidade positiva de cada cultura, de cada condição de vida, de cada pessoa. A diversidade das pessoas e dos grupos, reconhecida, permite às pessoas amadurecer e dá os meios para a equipe compreender e viver melhor a própria identidade.

Um dos passos essenciais para a paz, é então, a atitude fraterna, o sentir-se parte de uma única família. **Ocorre, porém, educar-se**, **exercitar-se na fraternidade,** não só falar dela, não só indignar-se pelas escolhas que se fazem contra esta ou aquela pessoa, contra grupos e pertenças: ***educar-nos e educar a viver juntos,*** numa perspectiva de diálogo intercultural e interreligioso, onde a variedade das culturas é fonte de enriquecimento, e a diferança é um bem a ser tutelado; ***educar-nos e educar numa ótica de inclusão,*** acolhendo cada pessoa e promovendo os direitos humanos fundamentais; ***educar-nos e educar para viver relações de qualidade,*** favorecendo em cada ocasião uma cultura da vida, do diálogo e da partilha; ***cuidar das atitudes para dizer palavras de bênção*** que exprimam simpatia para com cada pessoa, e pelo seu verdadeiro bem (Circ. 969).

> *O diálogo entre culturas e religiões diferentes é o caminho, a única possibilidade para a paz.*

É preciso caminhar, sentir-se fazendo o bem, *ir ao encontro de todos, dos pobres.* "Somos criados filhos com a semelhança de Deus, e o Sangue de Cristo nos redimiu! Todos temos o dever de fazer o bem. *E este mandamento de fazer o bem, acredito que seja um bonito caminho rumo à paz" (Mons.Tonino Bello).* Cada pequeno broto de fraternidade vai ser construtor de paz!

> *«Penso que herói é todo aquele que procura fazer deste mundo um lugar melhor para que todos possam viver unidos»* (Maya Angelou, poetisa, atriz e bailarina dos Estados Unidos).

Cultura Ecológica

Proteger o ecossistema terrestre

Ir. Júla Arciniegas e Ir. Martha Séide
j.arciniegas@cgfma.org mseide@yahoo.com

Neste número focaliza-se a atenção no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 15, sobre o cuidado com o ecossistema terrestre, à luz da encíclica Laudato si´, do Papa Francisco.

Levar em consideração o ecossistema terrestre é algo apaixonante, porque nos remete às maravilhas da Criação que Deus

colocou à nossa disposição, confiando-nos o planeta terra.

O ecossistema terrestre implica um conjunto de ecossistemas interdependentes. É aquele armazenamento de vida em que todos os seres, vivos ou não vivos, inseparavelmente ligados entre si, num espaço delimitado e num ambiente físico-químico, desenvolvem interações recíprocas para o equilíbrio do conjunto.

A complexidade e a importância deste tema nos convida a sonhar com aquela aliança entre a humanidade e o ambiente, que é o desafio para um mundo sustentável. Quereríamos deixar-nos tocar pelos gritos da nossa casa comum, "aquela irmã com a qual compartilhamos a existência, aquela mãe amorosa que nos acolhe entre seus braços. Quereríamos erradicar a violência que existe no nosso coração ferido pelo pecado, para que não se manifestasse mais em sintomas de doenças que, também, percebemos no planeta" (LS, 1-2)

■As cifras dos ecossistemas terrestres

O enunciado do ODS 15 permite-nos colher a vastidão e a urgência da tarefa que nos é confiada: "Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, a gestão sustentável das florestas, combater a desertificação, deter e inverter a degradação do território e paralisar a perda da biodiversidade.

O desflorestamento e a desertificação – causadas pelas atividades do homem e pela mudança climática – impõem desafios consideráveis em termos de desenvolvimento sustentável, e condicionam a vida e os meios para o sustento de populações inteiras que lutam contras a pobreza. De fato, cerca de 1,6 bilhões de pessoas, muitas das quais indígenas, dependem das florestas para o seu sustento.

As florestas constituem o habitat de mais de 80% das espécies terrestres de animais, plantas e insetos. E, treze milhões de hectares de florestas são perdidos a cada ano, enquanto a persistente deterioração do solo incide gravemente na agricultura e atinge terrenos onde, potencilamente, poder-se-iam cultivar 20 milhões de toneladas de cereias. O mais grave é que 74% dos pobres do mundo estão sendo diretamente prejudicados pela deterioração dos solos.

Esta interdependência nos remete à *iniquidade planetária* denunciada com tanta clareza pelo Papa Francisco, quando afirma: «Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo é como uma doença para cada um de nós, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação» (LS 89). O Papa dedica à agressão contra a biodiversidade (LS 32-42), dez parágrafos da Encíclica, e conclui: "No caso da perda ou do sério dano causado a algumas espécies, estamos falando de valores que excedem qualquer cálculo".

Proteger, restaurar e favorecer um uso sustentável do ecossistema terrestre (ODS, 15).

■ As metas

O combate ao desflorestamento, à degradação do solo e à desertificação, e a proteção da biodiversidade, não devem ser enfrentados separadamente: as estratégias multissetoriais podem ajudar, de maneira mais previdente e eficaz, a manter as múltiplas metas.

Nessa perspectiva resulta evidente o motivo pelo qual o obtetivo 15 é acompanhado por 10 escopos.

Alguns dos objetivos assinalam o ano de 2020 como meta a ser alcançada. Por exemplo, o uso sustentável dos ecossistemas de água doce, a restauração das florestas degradadas e o aumento do reflorestamento em nível global, a integração dos valores da biodiversidade na planificação nacional e local. Como também, a mobilização de recursos eficazes para financiar a gestão sustentável das florestas e fornecer incentivos adequados aos países em via de desenvolvimento. Outras medidas adiam o objetivo até 2030, para garantir a luta contra a desertificação, a restauração dos terrenos degradados, e do solo, a conservação dos ecossistemas de montanhas, incluindo a sua biodiversidade, com a finalidade de melhorar a sua capacidade de fornecer atuações essenciais ao desenvolvimento sustentável.
(http://www.unric.org/it/images/Agenda_2030_ITA.pdf/)

■Como proteger o ecossistema?

A proteção do ecossistema terrestre requer não apenas intervenções em nível macro, mas também instrumentos para "mudar comportamentos e modelos, por meio de

escolhas conscientes, orientadas ao desenvolvimento sustentável". Nesta mesma linha, a *Laudato si´* afirma que "a consciência da gravidade da crise cultural e ecológica deve traduzir-se em novos hábitos" (LS 209). Proteger o ecossistema implica aprender a respeitar nele o equilíbrio e a biodiversidade, isto é, o conjunto de microorganismos. Encontramo-nos, portanto, diante de um desafio educativo. A pedagoga Cristina Birbes, afirma: «Não é possível pensar o ambiente e interagir com ele sem uma educação adequada. È necessária uma ***educação sustentável*** para se viver na direção de escolhas compátíveis com os ambientes próximos e distantes, com o presente e o futuro. O caminho que se abre para o amanhã é o da intimidade com a terra, em comunhão com cada criatura, no mistério da vida» (C. Birbes, 2016). Esta afirmação, em plena sintonia com a *Laudato si´ e com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas,* é um convite para relançar a ideia da educação sustentável, a fim de recuperar as relações recíprocas entre ambiente-homem-cultura.

> *"Formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso, humilde".*

■Redescobrir o valor da comunhão universal

Para salvaguardar o equíbrio harmônico da criação e manter a justa relação entre os diversos ecossistemas, é fundamental tomar consciência de que somos uma única família, como afirma o Papa Francisco: «Criados pelo mesmo Pai, nós, todos os seres do universo, estamos ligados por vínculos invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amável e humilde» (LS 89). Por isso ocorre uma culltura do ambiente que se faça encontro, relação, fraternidade, não só entre os seres humanos, também os une «com terno afeto, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra» (LS 92). Nesta perspectiva, toda intervenção na gestão do ambiente é pensada em função das eventuais consequências sobre o equilíbrio dos ecossistemas. Trata-se, portanto, da recuperação do princípio de responsabilidade numa ótica de cuidado, zelo e construção do futuro sustentável, a ser entregue às novas gerações. Neste sentido fala-se da necessidade de passar da educação ambiental à educação ao desenvolvimento sustentável.

■Potencializar a educação ambiental orientada à educação sustentável

A proteção do ecossistema terrestre nos coloca plenamente na ótica de uma educação ambiental sempre mais orientada à educação sustentável. A categoria da sustentabilidade requer sempre mais uma transformação que implica uma mudança radical no modo de ver o mundo. Não se trata apenas de adquirir consciência e atenção; conhecimentos, valores, atitudes e experiências que permitam agir, individualmente ou coletivamente, para resolver os problemas atuais e futuros do ambiente; mas, «para educar à sustentabilidade é necessário que a mesma educação mude e oriente o sistema educativo à busca do diálogo e da colaboração com a realidade territorial, solicitando a considerar cada pessoa como um recurso com potencial ilimitado» (C. Birbes, 2016). Neste sentido, é indispensável aliar-se pela sustentabilidade, porque hoje, mais que nunca é uma urgência e, ao mesmo tempo, uma oportunidade pôr em conexão todas as Redes existentes que, com diversas especificidades e instrumentos, têm o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável.

> *«Se eu soubesse que amanhã seria jogada a bomba atômica, hoje plantaria, eu mesmo, a macieira no meu jardim»* *(Martin Luther King)*

O gosto do sucesso

Maria Rossi
rossi_maria@libero.it

Um dos problemas que atualmente preocupa é a tendência a abandonar com facilidade as atividades e projetos empreendidos. Diante dos primeiros dissabores e das ineludíveis dificuldades que cada escolha profissional e de vida comporta, tende-se a abandonar a empresa. E isto, para muitos, parece ser a coisa mais óbvia.
Quem abandona uma atividade ou um projeto resulta, muitas vezes, ter boas promessas de sucesso como possuir o necessário e também as ajudas e facilitações, ser incentivado por prêmios, ter um físico que vale e uma boa formação básica. Tudo isso, porém, não é suficiente para *manter a motivação* a agir até alcançar o objetivo. Pais e educadores, professores e operadores sociais, e as instituições religiosas interrogam-se e interpelam os especialistas. Muitas e complexas são as causas que favorecem a desmotivação e o abandono do percurso começado. Cada pessoa tem a sua história.

Recentes estudos feitos por meio de observações e pesquisas colheram e evidenciaram algumas tendências. O sociólogo Zygmunt Bauman, recentemente desaparecido, definiu a atual sociedade como *"líquida".* Líquido é o contrário de sólido, pode mudar e assumir as formas que as situações apresentam. Na sociedade líquida formam-se identidades líquidas e relações líquidas, pelo que abandonar os empenhos assumidos, a escola, o esporte e mudar de parceiro, de gênero, de escolha de vida, torna-se normal, não só para os jovens, também para os adultos. As facilitações e o ter, mais do que garantir o sucesso, muitas vezes induzem a um empenho pequeno, à rejeição do esforço e à passividade. Papa Francisco diz que o fato de possuir muito não produz muitos frutos, mas muitas rejeições.

Os estudos sobre a *resiliência* – a capacidade de resistir apesar das dificuldades, de subir na barca quando os acontecimentos da vida naufragam – interessados no problema da desistência, por meio de uma séria busca científica e a reflexão sobre experiências de vida, descobriram algumas das causas que desmotivam a perseverar. Eles evidenciaram, na atual cultura, a tendência a acreditar que o sucesso depende do *talento e de fatores externos* à pessoa. Quando se acredita que alguém não tem jeito para o esporte, e tal limite é sublinhado, contribui-se para diminuir o senso da autoeficácia, e o interessado não terá motivação para empenhar-se a melhorar, nem se sentirá responsável por isso. Abandonará a empresa ou se contentará com o mínimo, acreditando chegar lá ou por ajudas ou por sorte. De fato, ele pensa: "Por que devo empenhar-me se não vou conseguir, pois não tenho jeito para isso?". Também a tendência a acreditar que a motivação para lutar depende, sobretudo, de fatores externos, de incentivos (prêmios, compensações econômicas, clima estimulante do ambiente), não leva a perseverar. Quando as compensações não acontecem, a motivação a perseverar também cai por terra. Pensar que o sucesso depende, sobretudo e somente, de fatores externos, torna os indivíduos dependentes e, então, eles ficam à mercê dos eventos, à espera da fortuna, da animadora adaptada, do professor atento, do ambiente estimulante, jamais donos da própria vida, incapazes de escolhas autônomas. "Por que devo esforçar-me para ganhar uma miséria?" e também, "Meu filho estudou tanto, mandou seu currículo para várias empresas, está esperando uma resposta que não chega". O desejo de obter boas notas, de ser melhor, não vale porque os outros, os professores, o treinador, a animadora de comunidade, o grupo, não são estimulantes como se desejaria. Os estímulos externos, as outras pessoas, podem ajudar a começar um percurso, mas não deveriam ser determinantes para alcançar o objetivo.

Perseverar

"Estar motivados não é uma condição excepcional: para a nossa espécie representa a norma. Trata-se de um dos segredos do sucesso da evolução humana: a capacidade de automotivar-se e de manter por longuíssimo tempo a motivação". Trata-se da capacidade de persistir nas escolhas feitas até a realização dos objetivos, apesar das dificuldades e dos obstáculos, independentemente dos fatores externos. As

potencialidades humanas que se recebem com a vida, para se tornarem patrimônio pessoal, requerem um sério treinamento. **Anders Ericsson,** com sua equipe de pesquisadores experimentou que os grandes rendimentos em qualquer campo, da música ao xadrez, do esporte à arte, à literatura, são frutos, prevalentemente, do exerccício e da preparação, mais do que de capacidades inatas.

As suas aquisições são agora conhecidas como: *"regra das dez mil horas".* Quando as potencialidades não são preparadas com empenho, não só não se desenvolvem, mas podem também atrofiar-se. Cada pessoa é responsável pela própria vida. Na parábola evangélica, o servo que enterra o talento é chamado de "preguiçoso" e condenado.

Trabucchi Pietro, *Perseverar é humano. Como aumentar a motivação e a resiliência nos indivíduos e nas organizações. A lição do esporte,*
Corbaccio, Milão 2014, pag. *15* e *A superstição do talento, em Psicologia contemporânea,* janeiro-fevereiro de 2017. Pag. 78,79.

■Automotivação

Para favorecer um desenvolvimento pessoal harmônico e a possibilidade de se chegar a metas elevadas, também no âmbito da espiritualidade, é importante estimular a *automotivação.* Para fazê-lo não se pode recorrer a receitas pré-confeccionadas, não existem; nem se deixar iludir com atalhos fáceis ou pílulas milagrosas. No âmbito educativo, é muito importante colocar a pessoa na situação de se sentir acolhida por aquilo que é. Não ter pressa, mas dar todo o tempo necessário para criar aquelas relações interpessoais de confiança e de amizade, que permitem conhecer a pessoa e entrever suas aspirações, seus interesses, suas atitudes. E suspender o juízo antecipado sobre as capacidades de uma pessoa.

Um meio eficaz para sustentar a automotivação é confiar, fazer com que a pessoa se sinta capaz e competente, e exigir dela. **Maya Angelou** diz: «As pessoas esquecerão o que você disse, esquecerão o que você fez, mas nunca vão se esquecer do modo como você as fez sentir». Fazer sentir capazes, não plagiando, reconhecendo os pequenos e reais progressos e as competências. Às vezes, apenas uma aproximação empática e silenciosa ajuda a manter a autoeficácia e a perseverar. É importante exigir rendimentos elevados, tendo presente que, se exigir é transmitir confiança, quando a exigência é excessiva ou quando é pouca, faz a pessoa sentir-se não adequada e, então, cai por terra a motivação.

As necessidades e as dificuldades fazem parte da vida cotidiana. Se, confiando em si e evitando o recurso de ajudas externas, procura-se superar as necessidades e, consequentemente, viver a autoestima, a resiliência e a liberdade se desenvolvem. O medo de uma simples dor de cabeça, de um pouco de cansaço, de uma dor passageira, de uma fadiga normal, e a tendência a recorrer aos facilitadores oferecidos pelo mercado, ao psicofármaco, ao integrador, torna as pessoas dependentes e, muitas vezes, são levadas a desistir do empenho. No âmbito educativo, o excesso de ajuda não concorre para o desenvolvimento da resiliência. Insinua a ideia de incapacidade, de ter necessidade de apoio para prosseguir, então, quando os facilitadores faltam, alguém para, e desiste do empenho. "Os filhos – escreve Nardone – não devem ser abandonados a si mesmos; a atitude mais certa é ajudá-los: ou quando for inevitável ou quando pedirem". Quando pais e educadores intervêm muito, correm o risco de provocar danos.

Nardone Giorgio, *Genitori iperprotettivi: muita ajuda = danos, em Psicologia contemporânea,* março-abril de 2017

As pessoas precisam se sentir autodeterminadas. Algumas regras são necessárias, porém quando são muitas, bloqueiam as energias e a criatividade. Educadores impositivos e muito diretivos muitas vezes facilitam a desmotivação e impelem a fazer o contrário. Um pai ou um educador atento, respeitoso, influentemente amável, conseguindo colocar-se em sintonia com as aspitações profundas da pessoa e ajudando-a a caminhar nesta direção, favorecerá a automotivação que leva a um alegre e pleno desenvolvimento. Quando uma pessoa sente estar sendo e fazendo o que deseja, não percebe mais o incômodo da fadiga, relativiza as vantagens econômicas e continua no seu caminho, pelo gosto de

percorrê-lo, superando, com dificuldade, também a si mesma.

Dom Bosco e Madre Mazzarello foram facilitadores da automotivação. A frase de Dom Bosco: "A santidade consiste em estar muito alegres", poderia ser entendida assim: A santidade – meta alta e não fácil – alcança-se, não porque seja uma obrigação imposta pelo dever, mas porque se percebe a alegria de caminhar rumo àquela plenitude do humano que correponde à mais profunda aspiração da pessoa, pelo gosto de realizá-la.

DOSSIÊ

A profecia da fraternidade

Elisa Molinari
elisamolinari@yahoo.it

Como uma obra de arte contemporânea, a vida fraterna é algo difícil de ser alcançado na sua totalidade, porque excede ao seu conceito original, exprimindo o carisma de modo autônomo e criativo, relativamente ao contexto em que está inserida. Se para as novas organizações sociais ela pode ser vista como um modelo organizativo "em perda" porque está sujeita à lógica do dom, o fascínio de uma vida em comum realizada nunca diminuiu, e a instância sempre mais recorrente é a de ser profética.

Em 2005 **Banksy,** famoso e discutido *street artist* inglês, realiza obras na Cisjordânia, no muro de separação construído pelo exército de Israel para isolar os palestinos dos israelenses (oficialmente para prevenir o terrorismo). Nesses murais, usa a técnica do *trompe – l´oeil,* dando a ilusão de que no muro existem fissuras que permitem ver o que há do outro lado. O risco, como em todas as obras contemporâneas, é olhar com superficialidade e ver o muro como uma tela provocadora. Para Banksy, em vez, trata-se de um modo de ver, encontrar, confrontar-se, experimentar, compreender, dialogar, romper os limites e instaurar uma espécie de troca osmótica entre dois mundos. Diante dessas imagens, o que toca particularmente o observador não é apenas o processo posto em prática contra o muro, mas sobretudo, a particular modalidade de atribuir poder aos diversos atores, rompendo os conceitos comuns de "poder fazer" e "não poder fazer": romper o muro com balde e pá ou superá-lo agarrando-se a balões, resultaria em dizer, no mínimo, ser pouco improvável para qualquer pessoa.

Estas obras, além disso, nos permitem articular o discurso com relação à categoria "aqui/lá": o primeiro nível "aqui", visível e muito concreto, volta o olhar ao segundo, que remete a um "outro lugar" por meio de uma poderosa ação libertadora do "aqui". O muro está intacto e, ao mesmo tempo, quebrado! Pois, um diálogo em matéria de igualdade, parece ser impossível; a obra de Banksy, não podendo interagir no mesmo plano de um muro "surdo", encontrou um espaço de expressão colocando-se num nível superior, numa posição que lhe permite agir diretamente e não em resposta ao muro. Resultado: não um desencontro entre dois discursos diferentes, mas sim uma hierarquia de discursos que vê o discurso aparentemente mais forte ocupar, por um momento, a posição inferior.

Partimos desta provocação, isto é, de algo que chama a atenção criando um dinamismo, a fim de sugerir algumas simples ideias para uma convivência solidária e fecunda.

M. Martini, Banksy na Cisjordânia: *grafite no limite*

Dentro/fora

Madre Mazzarello, pouco antes de morrer, dirige às Irmãs um apelo aflito: *"Eu vos recomendo a união entre vós, amai-vos, amai-vos, não deixeis entrar o mundo em casa"* (L. Dalcerri, *O caminho de uma santa,* p. 30). Expressões simples, mas sempre atuais, se soubermos lê-las em chave moderna, como os nossos Fundadores souberam fazer, com o olhar no futuro. Em particular a segunda parte, objeto de pequenas e amargas críticas intergeracionais, continua sendo a mais discutida, e corre o risco de parar num plano

de mundanidade, se não levarmos em conta que as candidatas que hoje se apresentam à vida consagrada já estão impregnadas de mundo, mais do que Corina Arrigotti; ou talvez, de modo diverso: se quem já tem alguns anos de vida no Instituto faz parte da geração dos "imigrantes digitais", as "novas recrutas" são os primeiros exemplares de "nativas digitais". Isto significa que o muro de separação entre o real e o virtual não existe para elas que, como as crianças, os adolescentes e os jovens das realidades em que trabalham, vivem imersas no líquido amniótico das novas tecnologias. Sem dúvida, trata-se de um motivo de reflexão e de diálogo, mas não é o único se considerarmos que nenhuma de nós está isenta dos riscos do mundo externo, continuamente apresentados pelas últimas encíclicas: individualismo, ritmos frenéticos de vida, stress, ativismo, para citar alguns deles (AL 33). A este propósito, ressoa viva e atual a admoestação de São Paulo: *"Não vos conformeis com a mentalidade deste mundo, mas transformai-vos renovando a vossa mentalidade, para discernir a vontade de Deus, o que é bom, perfeito e agradável a ele" (Rom 12, 2),* traz claramente à luz a exigência de, como consagradas, conservar-se na linha do "bom, do verdadeiro e do belo" da vida evangélica, não se opondo como aquele muro, mas testemunhando que existe um "além" que se traduz na possibilidade de viver a vida fraterna como "espaço teologal no qual pode-se experimentar a mística presença do Senhor Ressuscitado" (VC 42).

Num mundo em que a fidelidade aos compromissos e a repetitividade no ordinário da vida são consideradas enfadonhas e insensatas, minadas por idealismos que propõem contínuas mudanças que levam à desnutrição da alma, não devemos deixar de beber continuamente na única fonte de Água Viva, como fez a Samaritana. Diz bem o Pequeno Príncipe: *"Os homens lotam os trens rápidos, mas não sabem mais o que estão procurando. Então, eles se agitam e giram em vão. Não vale a pena".*O interessante é que no prosseguimento do seu relato, ele se aproxima de um poço – elemento que, coincidentemente, para nós é carismático – faz a corda balançar e, escutando os seus gemidos abafados, exprime-se com o estupor próprio de uma criança: *"Escutas? Estamos despertando este poço, e ele canta"* e ainda: *"Tenho sede desta água, dá-me de beber".* (E. Romeo: O *Pequeno Príncipe comentado com a Bíblia* – Âncora, Milão 2015). **O que nos é pedido é de continuar a despertar e a escutar o canto do poço, os apelos proféticos dos nossos Fundadores, os acurados apelos a seguir os seus passos, fazendo-nos, assim, como eles, intérpretes audazes do tempo em que vivemos.**

■Lá é bom!

Falando aos consagrados em Milão no último dia 25 de março, o Papa Francisco acenou ao tema da diversidade**.** *"A Igreja é Una, em uma experiência multiforme"* e em uma sociedade "multi" – multicultural, multirreligiosa, multiétnica – convidou a aprender do Espírito, Mestre da diversidade, a reconhecer em nossas comunidades, uma riqueza feita de aspectos luminosos e obscuros, que assenta as suas bases sólidas precisamente nas diferenças. Alertou quanto aos excessos de uniformidade ou de relativismo, fazendo estas perguntas: *"Quantas vezes confundimos unidade com uniformidade? E não é o mesmo. Ou, quantas vezes confundimos a pluralidade com o pluralismo? E não é o mesmo".* E concluíu com esta reflexão: *"A uniformidade e o pluralismo não são do bom espírito, não vêm do Espírito Santo. Em ambos os casos, o que se busca fazer é reduzir a tensão e cancelar o conflito ou a ambivalência a que somos submetidos porque somos seres humanos. Procurar eliminar um dos polos da tensão é eliminar o modo com que Deus quis revelar-se na humanidade do seu Filho.* ***Tudo aquilo que não assume o drama humano pode ser uma teoria muito clara e distinta mas não coerente com a Revelação e, por isso, ideológica".***

Numa época em que a perspectiva de felicidade é traduzida unicamente em bem-estar terreno, o Papa Francisco não nega que tal tensão existe e é inegável, mas é uma tensão que, assumida como dom e tarefa (*cum-munu significa dom recíproco*) faz crescer e se faz testemunha do "já e ainda não" da Salvação. Que a diversidade leva à riqueza, nós sabemos bem nos momentos em que, na comunidade, são necessárias diferentes competências – skills – para levar adiante a missão, mas, estamos verdadeiramente dispostas a tolerar todas as tipologias de "estranhezas" que a pessoa traz em si e expressa nos seus comportamentos?

Estamos verdadeiramente dispostas a procurar o primado da caridade que, como diz São Paulo "*Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta"?* (1 Cor 13, 4-7). Papa Francisco, no capítulo 3º da *Amoris Laetitia,* sublinha no hino à Caridade, as características do verdadeiro amor. Parece muito simples: o hino à caridade presta-se bem para este escopo, mas, como é do seu estilo, o Papa expressa imediatamente a intenção de não abandonar este sublime conceito à retórica, assim a sua análise resulta profunda, concreta, desencantada, útil, não apenas aos esposos, mas a cada homem ou mulher que vive a vida em comum. Certamente, se vivemos esta expressão em chave passiva, é fácil entrever alguns "deveres implícitos" que ela comporta como, por exemplo, não falar mal da irmã diante dos leigos, esperar que a irmã em questão mude (não nós), suportar com a esperança de que, talvez (permitindo a Providência), mude de casa,... Vêm em mente tantos exemplos muito "plásticos". O Papa, em vez, procura iluminar os dinamismos que podem levar à valorização do 'estar juntas', vivido propriamente, com caridade. Uma caridade que não é sinônimo de falsidade, mas de aceitação e superação do limite das outras pessoas, baseando-se num recíproco querer-se bem, mas também, no cuidado com a sua imagem, com a delicadeza que leva a preservar-lhe a fama. A expressão "tudo crê" não significa não ver os erros da pessoa, ou encobri-los, mas sim, demonstrar confiança, deixar em liberdade, renunciar a dominar e a possuir a outra. Isto pelo simples motivo de que se reconhece na irmã *a luz acesa por Deus*. Quanto é forte a necessidade de estimar, confiar, num clima positivo, não obstante as adversidades, que leva à resiliência verdadeira, a manter-se firmes num ambiente hostil. Não se trata de mera tolerância, mas de *"amar apesar de tudo, também quando todo o contexto convida a outra coisa".* Não por acaso, a repetição do "tudo" *"sublinha com força o dinamismo contra-cultural do amor, capaz de fazer frente a qualquer coisa que o possa ameaçar"* (AL 111).

■Comunidade ou community?

Continuando a falar de dom, também os liames e as relações são um dom vital nas comunidades, pois testemunham a profecia da fraternidade. Antes, porém, de ser uma construção humana, a comunidade é um dom do Espírito Santo, mediante o qual somos chamadas a ser "peritas em comunhão". Como todos, também nós já nos encontramos utilizando na comunidade, mais ou menos de modo consistente, vários dispositivos – smartphone, tamblet, pc portátil – que nos tornam "sociais" e sempre online. O risco é ficarmos mais conectadas com o mundo, e menos entre nós, em lógicas que utilizam linguagens semelhantes – por exemplo: partilha (sharing), presença, proximidade – mas que nos levam a perder o eterno valor do contato humano e concreto entre nós: *"A possível separação entre conexão e encontro, entre partilha e relação implica o fato de que hoje as relações, paradoxalmente, podem ser mantidas sem renunciar à própria condição de um isolamento egocêntrico.(...) A fratura na proximidade é dada pelo fato de que a aproximação é estabelecida pela mediação tecnológica, pela qual é meu "próximo" quem está conectado comigo* (A. Spadaro: *Quando a fé se faz social* – EMI, Bolonha 2015).

Se **a tecnologia parece ser boa e útil enquanto aproxima e nos mantém "em dia" com as informações, com os jovens, com o mundo, é menos boa e menos útil quando isola e faz perder o contato, sobretudo com a realidade comunitária, levando-nos a viver, como descreve a socióloga norte-americana Sherry Turklr, "juntos mas sozinhos".** Por isso, não devemos esquecer que a tecnologia nunca é neutra como pensamos, porque, enquanto sem dúvida nos facilita em alguns aspectos, incide de um modo ou de outro, sobre outros aspectos, por exemplo, o uso do tempo, a concentração, a partilha não mediada e, também, sobre a leitura profunda e meditativa. Também aqui **trata-se de "fazer a diferença", de sermos proféticas, também entre nós, atuando com inteligência pequenas estratégias de contraste, para recuperar a beleza ontológica do relacionamento humano:** *"Retornar à relação permite colocar a única alternativa eficaz à atual cultura do "zapping" perceptivo e cultural, do "morde e foge" interativo. A relação interpessoal é importante para reportar à luz o ser que corre o risco de permanecer no anonimato, para reencontrar o sentido da comunidade"* (C. Cangià: *Os consagrados e a rede – Multidea, Roma 2013).*

■Farinha ou fermento?

Um âmbito de profecia da nossa vida consiste em voltar a ser sal e luz no mundo, fermento na massa. Talvez nunca vamos saber quais fermentos levedaram a massa, porque é o Espírito que torna fecundos os nossos pobres sinais enchendo-os de vida e de significado; mas sabemos que a graça de Deus os tornará eficazes. A comunhão e a alegria que vivemos, mesmo nas fragilidades e pobrezas, criam as condições para olharmos o mundo com empatia (Circ. 912).

O trabalho aumenta, as forças diminuem, a idade das comunidades está sempre mais avançada. Sem deslizar nas lamentações – proibidas pelo Papa Francisco! – os problemas das comunidades são concretos e os números falam claro. É ainda o Santo Padre que nos vem em socorro, lembrando-nos de que *"Os nossos pais e mães fundadores nunca pensaram em ser uma multidão, ou uma grande maioria",* mas *"sentiram-se movidos pelo Espírito Santo, num momento concreto da história, a ser presença alegre do Evangelho para os irmãos; a renovar e edificar a Igreja como fermento na massa, como sal e luz do mundo. (...) As nossas congregações não nesceram para serem massa, mas sim um pouco de sal e de fermento, que teria dado a própria contribuição para que a massa crescesse, para que o Povo de Deus tivesse aquele "tempero que lhe faltava".* Dom Bosco e Madre Mazzarello fizeram grandes coisas precisamente porque foram adiante, sem se deixar levar pela grande tentação de ocupar espaços mais do que de iniciar processos: Madre Mazzarello dispôs-se, mesmo com grande sofrimento, a deixar a casa de Mornese, terra natal, para transferir-se com suas filhas para Nizza e, assim, dar um futuro à Congregação; na vida de Dom Bosco nunca faltam as ajudas materiais, que chegam graças às suas orações incessantes a Maria Auxiliadora, com o único escopo de fazer tudo "para a maior glória de Deus e a salvação das almas", até ver o invisível como se fosse a realidade: *"Eu o vejo já feito – vejo uma Igreja – vejo uma casa – vejo um recinto para a recreação, este existe e eu o vejo"* (Aceno histórico ao Oratório de S. Francisco de Sales, em DBE 118-124). Certamente o medo devido à precariedade dos tempos – que podemos chamar também de prudência ou perspicácia – poderia nos levar, com razão, a apostar tudo na farinha, na consistência das nossas obras e das nossas ofertas educativas, ou no desejo de ter muito mais fermento consequentemente, mais pessoal. De novo, a resposta simples e sábia do Papa: "*Mas, eu nunca vi um pizzaiolo que para fazer a pizza, tomasse meio quilo de fermento e cem gramas de farinha, não. É o contrário. Pouco fermento para fazer crescer a farinha".* **Com isso convida de novo a despertar os processos, a renovar a missão das origens, a escolher as periferias, a acender a esperança extinta de uma sociedade que se tornou insensível à dor do próximo, não "apesar", mas "graças" à nossa fraqueza** para que *"em nossa fragilidade como congregações, possamos fazer-nos mais atentas a tantas fragilidades que nos circundam, e transformá-las em espaço de bênção".* Poderíamos acrescentar: em nossas fragilidades pessoais poderíamos fazer-nos mais atentas às fragilidades das irmãs e transformá-las em espaço de bênção.

■Não faltar ao encontro

Jean Pierre Sonnet, no livro *Gerar é narrar,* deixa esta interpelação: *"A tradição narrativa da fé é hoje marcada pela descontinuidade e pelo cansaço: se os nossos pais (em tantos casos) a narraram, para nós, nós a narramos aos nossos filhos?" Como resultado nos perguntaremos: qual é o papel dos mais jovens quando quem é mais velho não comparece ao encontro para narrar a história?* **Relatar, fazer-se relatar, escutar... Somos ainda capazes de "perder tempo" com esses rituais sem tempo e tão preciosos, que nos permitem sair de nós mesmos, dialogar com o mundo, assistir a verdadeiros e próprios "milagres do ordinário",** como diria o antropólogo **Fabrice Hadjadji**? (cf. *Ressurreição – Instruções para o uso*).

> *"Os vosos filhos e as vossas filhas profetizarão (...). Os vossos jovens terão visões"* (Gl 3, 1)

Não podemos ignorar as exigências dos jovens que durante o CG XXIII se expressaram com estas palavras: *«A novidade que esperamos requer passar de*

uma casa "já feita" a uma em construção, com a participação de toda a comunidade educativa, envolvida no pensar, rezar e agir. Uma casa que promova uma verdadeira e própria "pastoral da inteligência" e, mais amplamente, da pessoa» (CG XXIII, 18). São solicitações daqueles que se preocupam com a nossa presença significativa em suas vidas, que nos pedem a *"coragem de abrir as estruturas, as mentes, os corações; compartilhar a cotidianidade com todos os que atravessam a soleira das vossas casas, com uma presença autêntica e simpática, deixando o perfeccionismo e a ansiedade de controle" (CG XXIII, 18).* **Ser comunidade em caminho significa, antes de tudo, acolher o outro como fonte de novidade e de vida, ousando renunciar a uma planificação feita de repetição e de construção de um mundo que perde a aderência com o real.** Significa abrir fissuras, como as de Bansky, em territórios de fronteira – a humana – que relatem a nossa alegria de sermos consagradas, sem o medo de nos perder: *"Para sermos proféticas devemos interpelar-nos sobre as novas pobrezas, as novas necessidades, as presenças de fronteira, sem esquecer que a primeira fronteira da vida consagrada é o nosso testemunho de pessoas que vivem com entusiasmo o próprio chamado e tornam os leigos participantes. O contágio virá de comunidades que vivem a beleza da sua vocação e são capazes de narrá-la aos outros, despertando no coração dos jovens a aspiração de fazer da própria vida um projeto de amor e de serviço"* (Circ. 912).

Profecia de uma humanidade nova

No livro de ***Leo Moulin*** *sobre a Vida cotidiana dos monges, na Idade Média,* está transcrito um trecho da carta que lhe mandou um abade, seu amigo: *"Uma abadia é como uma orquestra, tem de tudo: violinos que soam juntos, metais que interferem sem discrição, o saxofone e, em um ângulo, o pequeno que rege o triângulo e do qual nos perguntamos o uso. Em uma abadia há o sonolento, o resmungão, o pontual, o atrasado, o muito piedoso, o que se adapta a tudo e complacente, do qual se abusa; o que sabe ajustar todas as coisas, o entusismado um pouco ingênuo, o simplório, talvez simpático, o deprimido; há o monge em dificuldade que precisa de que se ocupem dele e, com os mais variados pretextos vem para encontrar Paulo e Tiago a fim de comunicar como agora se costuma dizer. Há o resmungão serviçal sem limites, há o todo devoto e o todo desajeitado que se aborrece porque não lhe é pedido nenhuma ajuda; há aquele que encontrou um trabalho, que o pai abade tolera para evitar o pior, mas este trabalho não serve para nada ao bem comum; há o jovem vice-cantor, porque tem uma bela voz, mas que vai manifestando uma vontade de poder, ainda mal controlada, se não se ficar atento; há o incorrigível retardatário, há o explosivo que explode em cólera e logo se arrepende; há o mal-humorado, o incompreendido; há aquele que se indigna com tudo o que sai da norma e o demonstra muito visivelmente, ficando fora da norma também ele; há aquele que, com boas intenções, sequestra o tal utensílio ou o tal livro comum para uso pessoal; há o desordenado que não recoloca "nada no lugar". Esta realidade feita de gente assimm construída,* ***esta realidade pode ser o lugar de uma nova humanidade.***

O problema és tu, como olhas e como vês, como amas as pessoas, como perdoas e qual é o olhar de estima e de admiração com o qual olhas tudo aquilo que se movimenta lá dentro. És tu, é a grandeza da tua alma, é a altura e a profundidade, a magnanimidade e a largueza da tua alma. Altura, profundidade, largueza e magnanimidade significam a consciência de pertenceres a Cristo e que tudo o que tens ao redor, com toda esta máscara de humilhantes condições, é de Cristo e, é através disso que o mistério de Cristo se dilata no mundo.

A diferença cristã

Mara Borsi
mara@fmails.it

O contexto cultural contemporâneo convida a compreender Deus e a vida cristã em termos de comunicação. Pensando bem, constata-se que o trabalho cotidiano consiste essencialmente em comunicar, falar, receber e enviar informações, gerir e organizar as relações. O imaginário das mulheres e dos homens de hoje é atravessado e forjado pela prática e pelo desafio da comunicação. É por isso que esta constitui o terreno privilegiado para a busca de sentido. Porquanto, hoje como nunca, viver é entrar em relação com os demais, comunicar, organizar a vida comum e participar.

Na cultura da comunicação somos chamados a redescobrir com alegria que

Deus mesmo se apresenta como unidade amorosa de comunicação, um Deus que se autocomunica e capacita à comunicação. A fé, neste sentido, não é adesão a um conteúdo, mas é antes de tudo, um modo de entrar em relação, de viver em aliança fraterna e filial, sabendo que este liame é mais forte do que a morte. A fé trinitária assume evidentemente uma importância decisiva.

Para muitos cristãos, a Trindade continua a ser uma proclamação abstrata. Os não-cristãos a recebem dificilmente pensável e confiável. A Trindade constitui para eles realmente um obstáculo à fé. Que Deus tenha um filho aparece como um absurdo, uma contradição com a sua natureza divina.

■Testemunho e tradição

A fé trinitária repousa no testemunho de Jesus. Durante toda a sua vida, Jesus se mostra em estreita relação com Deus, por ele invocado como seu Pai. Entre ele e o seu Pai existe comunhão no Espírito; um Espírito de amor que Ele recebe, pelo qual é habitado e que comunica fraternalmente aos seus. A experiência pascal dos primeiros cristãos levou-os a proclamar e celebrar a salvação de Deus "Pai, Filho e Espírito". No entanto, o termo "Trindade" não está presente no testemunho das Escrituras. Surgiu da Tradição, da reflexão e dos debates que a fé em Deus «Pai, Filho e Espírito» suscitou entre os cristãos e no seu contexto cultural. Tradição que afirma três elementos fundamentais: a unidade, a diferença e a igualdade das três pessoas divinas. O Credo, que proclamamos na Eucaristia dominical, constitui o seu vestígio e testemunho histórico. Hoje podemos reler este testemunho da Tradição e reformulá-lo em termos de comunicação. A Tradição nos diz que Deus é em si mesmo uma comunhão de amor, uma comunidade de pessoas. Mesmo sendo Deus maior do que qualquer representação que dele se faça, podemos dizer d´Ele que é movimento de «dar/receber/restituir»: nisto consiste o amor. Neste movimento as três pessoas subsistem na sua recíproca relação. O Pai é aquele que doa. O Filho é aquele que recebe e restitui.O Espírito, poderíamos dizer, é o liame entre um e outro, a permanência do seu desejo e do seu dom mútuo que os une e os diferencia (cf A. Fossion 2004).

Como já dizia Santo Agostinho no seu tratado sobre a Trindade, há o amante, o amado e o amor. Ou ainda, como afirma Santo Inácio nos Exercícios Espirituais: «O amor consiste em uma comunicação recíproca. O amante doa e comunica ao amado o seu bem; do mesmo modo, em retorno, o amado ao amante». E esta vida de amor de Deus se efetua na *unidade*, na *diferença* e na *igualdade* das pessoas.

■Viver na relação

Deus nos convida a viver em comunicação: uma comunicação à sua imagem, que unifica, personaliza e torna iguais em uma mesma dignidade. É assim que somos conduzidos no mais íntimo de nós mesmos, e no mais concreto da nossa vida humana. *A questão existencial concreta da nossa vida diária não é a de realizar a unidade entre nós, favorecendo a personallidade de cada um no signo de uma igual e comum dignidade?*

Viver juntos, conseguindo autorrealizar-se plenamente no respeito recíproco: eis a graça da criação – sempre um vir-a-ser – que é oferecida à nossa liberdade. A inspiração trinitária não diz respeito apenas à vida interpessoal, mas também à social. De fato, os princípios fundamentais da doutrina social da Igreja inspiram-se no modelo da comunicação trinitária.

Na doutrina social da Igreja está presente, de um lado, o princípio da solidariedade que, contra todo individualismo egoísta, sublinha as exigências da justiça e do bem comum. Mas este bem comum não seria possível sem a afirmação de um outro princípio: o princípio da subsidiariedade que, contra todo coletivismo autoritário, sublinha a necessária autonomia, iniciativa e liberdade das pessoas e dos grupos. Encontramos assim no plano social, conforme o modelo trinitário, o apelo à unidade, mas, na promoção de cada pessoa, sob o signo de uma comum e igual dignidade.

■A Boa-Nova

O modelo trinitário – como diferenciação e personalização – induz a uma relação com Deus que nada tem de "fusão". A originalidade e a força da mensagem cristã consistem propriamente em dizer que, quanto mais me aproximo de Deus, mais me torno eu mesmo na minha diferença, na minha pessoal singularidade. Ir ao encontro

de Deus não significa fundir-se n´Ele, mas ir ao encontro do próprio eu, tornar-se si mesmo, amar-se a si mesmo. Ir ao encontro de Deus «Pai, Filho e Espírito», significa encontrar a liberdade de escrever a própria vida de modo que se cumpra em nós, "até o fundo", a graça da nossa criação.

O anúncio da Trindade é realmente uma Boa-Nova a ser vivida pelo mundo, por cada um /cada uma de nós.

As esperanças frustradas

Alaa Abdel Fattah, egípcio, Blogger, informático e ativista do movimento que tem guiado a revolução egípcia, foi condenado a 5 anos de prisão. Uma pena muito severa causada por uma manifestação pacífica. Em 2006 junto com a esposa Manal criou um blog: Manalaa, que logo se tornou popular, oferecendo aos jovens um espaço de confronto e de liberdade de expressão. Quando, em 9 de outubro de 2011, a polícia atacou os manifestantes, em grande parte coptos, deixando 28 mortos e 200 feridos que protestavam pacificamente, Alaa, muçulmano, foi precipitadamente ao necrotério para confortar as famílias dos cristãos mortos; à noite escreveu na Internet: «Cheiro de necrotério, de cadáveres e caixão. Cheiro de pólvora, de suor e lágrimas. E não tenho a certeza de que ...». Foi capturado e ficou preso por dois meses. Saiu e continuou a sua atividade em favor da democracia. Em novembro de 2013, participou de uma manifestação não autorizada, diante da *Shura,* o parlamento egípcio. Foi o pretexto para prendê-lo de novo. Sairá do cárcere em 2020.

O Bispo com o poncho

Leonida Proaño foi um profeta, um padre não só da Igreja latinoamericana, a sua visão baseia-se na teologia da libertação. Naceu em 1910 em uma família de camponeses onde conheceu a pobreza e, sobretudo, aprendeu a amar os indígenas. Tornado sacerdote, trabalhou 18 anos em Ibarra como animador cultural. Em 1954 com apenas 44 anos foi nomeado bispo da diocese de Riobamba, onde se chocou com a situação dos indígenas explorados sem misericórdia. Fiel à metodologia "observar, analisar, agir" pôs-se em ação para experimentar a incidir naquela dramática situação. Em 1958 com coragem praticou um ato não usual começando a restituir as terras possuídas pela diocese, aos indígenas; um fato que gerou uma grande celeuma. Em três anos criou o Centro de Estudos e Ação social para a educação, a cooperação e a assistência técnica, nos setores agrícola e da criação de animais; criou as escolas radiofônicas polulares (Arpe) para difundir, por meio do rádfio, programas educativos e informativos; o Instituto Granja Escola Teoeyac para a formação de líderes comunitários. De 1962 a 1965 foi delegado da Conferência Episcopal latinoamericana nas quatro sessões do Concílio. Em 1985, terminado o seu mandato de Bispo, foi nomeado Presidente do departamento de Pastoral indígena da Conferência Episcopal Equatoriana. Morreu em Quito, na pobreza, em 31/8/1988.

Como as famílias "sentem" a fé?

Giulia Paola Di Nicola – Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

Há católicos que temem cada mudança na Igreja, porque no passado foram habituados a um cristianismo moralista e intolerante, que assegurou a fidelidade às normas e à doutrina, mas muitas vezes negligenciou a atenção às pessoas, às suas histórias, às mudanças culturais e, por isso, apresentou o rosto de Jesus não como Amor misericordioso, mas como juiz. O Papa Francisco tem sublinhado esta questão sempre mais, mas também cada cristão e as famílias a têm entendido sempre melhor, sustentados pelo vento do Espírito Santo. Vale para todos o que afirmava o Papa João XXIII no seu Diário: «Não é o Evangelho que muda, somos nós que o vamos entendendo sempre melhor».

■Encontro, comunicação, unidade conjugal

Quantos dos que põem dificuldade à mudança vivem a sua pertença à Igreja em obséquio à tradição – sem distinguir entre a tradição com t minúsculo e Tradição com T maiúsculo – o que torna difícil transmitir aos jovens casais o sentido genuíno da fé e torná-la atraente aos seus olhos. Todos os dados da sociologia religiosa confirmam a rachadura entre os casais maduros/anciãos e os casais jovens. Trata-se de uma divisão bem mais profunda do que a chamada *"digital divide",* ou seja a exclusão digital existente entre quem tem acesso efetivo às tecnologias da informação (em particular *personal computer e internet*) e aqueles que são excluídos parcial ou totalmente, ou seja, os anciãos. Tal rachadura no seio das famílias entre a incompetência tecnológica dos maiores de 50 anos e a velocidade com que os jovens – especialmente aqueles que são chamados "nativos digitais" – usam as tecnologias, é menos divisiva do que o que poderíamos chamar de *"religious divide",* no sentido de que isso afeta a maneira de sentir e de viver a fé. Os jovens relativizam a obediência às normas, quando não as refutam, negligenciam a frequência aos ritos

mal suportados, ridicularizam as virtudes por *antonomásia*, como a obediência e a pureza.

A fossa intergeracional é para ser atribuída somente à "decadência da fé", à "morte de Deus", ou podemos também abordar o fenômeno sob um outro ponto de vista? A maioria dos casais jovens é impermeável às decisões do Magistério (mesmo quando 'usa' a religião nas etapas fortes da vida de família) porque refuta a fé, ou podemos pensar que previne uma separação, uma falta de comunhão, determinada pelo fato de que as decisões são tomadas a partir de cima, sem levar em consideração os sentimentos dos fiéis (*sensus fidei*) ou selecionando um alvo limitado e elitista de praticantes?

> *"Aproximar-se das famílias, escutar e compartilhar seus sofrimentos e alegrias, acompanhá-las pelas sendas de uma fé madura, coerente e ativa".*

■Magistério e sensus fidei

O Papa Francisco na *Amoris Laetitia* demonstra querer construir pontes entre as margens contrapostas, em uma espécie de continuidade entre Tradição e Inovação. Em algumas passagens da Exortação, ele abre as portas ao presente e ao futuro. Não se trata do pensamento de um só, embora Papa: a sua exortação dá sequência às indicações dos Padres Sinodais, retoma a própria catequese do Papa, bem como o trabalho da Comissão teológica internacional no documento *"Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios"* (aprovado pela Congregação para a doutrina da fé e publicado em 8 de abril de 2015), inispensável à compreensão da exortação.

Papa Francisco sublinha a importância de um necessário encontro entre o ensino da Igreja e o *"sensus fidei ou fidelium", ou seja, aquela percepção da fé e do modo de vivê-la que os cristãos observam espontaneamente, nas famílias e no tecido social de base, em virtude do Espírito que os habita: a função profética é universalmente doada aos seguidores de Jesus, qualquer que seja o seu estado de vida, a sua vocação, o seu grau de santidade. O Papa não quer limitar o seu magistério a dizer "sim" e "não", a julgar do ponto de vista moral e doutrinal os comportamentos das familias, mas quer alargar as tendas da Igreja ("hospedale da campo")* para acolher os sofrimentos, as aspirações, as exigências, as sugestões das pessoas que vivem as dificuldades concretas da vida familiar. Como foi expresso pela Comissão teológica: "o Magistério católico quer ser menos temeroso do que no passado, não exceder na prudência ao julgar os novos fermentos culturais temidos como desafios perigosos à doutrina da Igreja (por exemplo o Iluminismo, a democracia, a revolução francesa, o socialismo, os movimentos de emancipação das mulheres)".

As famílias, acolhidas com realismo em sua imperfeição, não podem senão se alegrar pela atenção que o Papa Francisco dirige a elas: "No que diz respeito à convicção de que o Espírito Santo desce da hierarquia ao povo, o qual adere passivamente àquilo que é sistematizado no alto, as famílias são convidadas a assumir a tarefa de promover um movimento circular de recursos que contribua a uma mais profunda comunhão eclesial e a uma visão menos parcial da realidade". Trata-se de um aprofundamento do que o Concílio havia proclamado para além da separação entre Igreja docente (*Ecclesia docens*) e Igreja discente (*Ecclesia docens*), esclarecendo que todos os batizados participam, segundo o modo que lhe é próprio, das três funções de Cristo *sacerdote*, *rei* e *profeta*. Fica evidente que Cristo exerce a função profética não somente por meio da hierarquia, mas também por meio do laicato, o que leva a compreender que a tarefa da hierarquia é um serviço de comunhão na Igreja.

A *Amoris Laetitia* desenvolve estes assuntos da Igreja conciliar chamando a um novo relacionamento com os fiéis, com a história e os acontecimentos, aliás indispensável para se evitar que uma "Exortação" do Magistério caia no vazio e não esteja encarnada na vida das famílias. Segundo o Papa Francisco "as solicitações e os apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história", por meio dos quais "a Igreja pode ser guiada a uma inteligência mais profunda a respeito do inexaurível mistério do matrimônio e da família" (AL 31). Ressoa aqui a convicção de E. Mounier que definia os eventos: "mestre interior".

E.Mounier, *Lettre à J.-m. Domenach,* in *Oeuvres completes*. Seuil-Paris-1963. p. 817

São as famílias capazes de interagir ativamente, de um lado com a realidade

concreta, e do outro com o Magistério? As consciências estão adequadamente iluminadas e são capazes de discernimento? Evidentemente a pergunta nos constrange a constatar a desorientação e a confusão das consciências contemporâneas, oscilantes entre a pluralidade dos modelos e dos valores propostos e quase impostos pela cultura pós-Moderna. São muito velozes as mudanças, muito forte o barulho da mídia, muito atraentes as propostas de felicidade barata, muito grande a pressa de experimentar e de possuir, para que se seja capaz de discernir sabiamente, livres do deslumbramento do sucesso, do dinheiro, do sexo. Aqui está o desafio entregue pela *Amoris Laetitia: Aproximar-se das famílias, escutar e compartilhar seus sofrimentos e alegrias, acompanhá-las rumo a uma fé madura, coerente, ativa".*

Papa Francisco no discurso de encerramento do Sínodo *confiou a todos, leigos e clero, uma missão propondo a análise do acróstico de f-a-m-i-l-i-a:* **F**ormar as novas gerações para viverem seriamente o amor, não como pretensão individualista baseada só no prazer e no 'usa e joga', mas... como o único caminho para sair de si, para abrir-se ao outro... **I**r ao encontro dos outros porque uma Igreja fechada em si mesma é uma igreja morta... **M**anifestar e difundir a misericórdia de Deus às famílias necessitadas, às pessoas abandonadas, aos anciãos ignorados, aos filhos feridos pela separação dos pais... aos pecadores... **I**luminar as consciências, muitas vezes turbinadas por dinâmicas danosas e sutis, que procuram colocar-se no lugar de Deus criador: tais dinâmicas devem ser desmascaradas e combatidas no pleno respeito à dignidade de cada pessoa... **G**anhar e reconstruir com humildade a confiança na Igreja, seriamente diminuída por causa dos comportamentos e dos pecados dos próprios filhos... **T**rabalhar intensamente para sustentar e encorajar as famílias saudáveis, as famílias fiéis... **I**dealizar uma renovada pastoral familiar que se baseie no Evangelho e respeite as diversidades culturais; uma pastoral capaz de transmitir a Boa-Nova com linguagem atraente e alegre e de tirar dos corações dos jovens o medo de assumir empenhos definitivos... **A**mar incondicionalmente todas as famílias e em particular aquelas que atravessam um momento de dificuldades: nenhuma família deve sentir-se sozinha ou excluída do amor ou do abraraço da Igreja; o verdadeiro escândalo é o medo de amar e de manifestar concretamente este amor. **(cf.Papa Francisco,** ***Discurso na conclusão dos trabalhos da XIV Assembleia geral ordinária do Sínodo dos Bispos, 24 de outubro de 2015.***

A mulher e a Igreja

Paolo Ondarza
Paolo.ondarza@gmail.com

A mulher é uma presença viva no coração da Igreja, mesmo se às vezes pouco valorizada, indubitavelmente a sua missão está no centro de uma crescente atenção pastoral e doutrinal.

Dos **ensinamentos do** Beato Paulo VI à *Mulieris Dignitatem* e à Carta às mulheres de São João Paulo II, das catequeses dedicadas às Santas por Bento XVI à recente instituição, por iniciativa do Papa Francisco, de uma Comissão encarregada de estudar a questão do Diaconato das mulheres, são incontáveis os reconhecimentos do valor único do gênio feminino na comunidade católica. E são muitos os rostos que no tempo caracterizaram o chamado específico da mulher, verdadeiros faróis na história do Cristianismo: desde a Virgem Maria às mulheres que seguiam Jesus; desde as grandes figuras medievais: Escolástica, Ildegarda de Bingen, Catarina de Sena, Clara de Assis, Joana D´Arc até Santa Teresa D´Ávila, no século XVI e, em tempos mais recentes, Santa Edith Stein e Santa Teresa de Calcutá. Hoje são vários os ambientes eclesiais nos quais a missão feminina é chamada a se desenvolver. Dirigimos algumas perguntas à Diretora do Instituto de Estudos Superiores, do Ateneu Pontifício *Rainha dos Apóstolos,* Marta Rodrigues:

- De que modo cresceu, nos últimos dez anos, a atenção sobre a mulher na Igreja?

Eu acredito ter crescido a consciência da necessidade de sua contribuição e, também, de se criar espaços para que ela possa agir plenamente. Esta atenção caminhou de 'mãos dadas' com a transformação cultural dos últimos anos, que permitiu às mulheres começar a ter mais voz na sociedade. Hoje tem-se mais consciência de que a cultura precisa da contribuição específica da mulher e do homem e que, sem o ponto de vista dos dois, o mundo político, ocupacional, cientìfico ou eclesiástico ficam empobrecidos.

-"Não há mais Judeu nem Grego, não há mais escravo nem livre; não há mais masculino e feminino. Todos vós sois um em Cristo Jesus", escreve Paulo aos Gálatas, testemunhando uma revolução antropológica que, não obstante os

limites interpretativos das várias épocas históricas, constitui um traço distintivo do Cristianismo. Testemunha-o também, em particular, a contribuição à reflexão sobre a mulher na Igreja, oferecida pelos Papas no período contemporâneo pós-feminista. Existe um fio vermelho que põe em comum os seus pronunciamentos?

Sim, existe continuidade e desenvolvimento. Lembramos o grande ato realizado por Paulo VI, quando, em 1970, proclamou pela primeira vez, duas mulheres: Santa Teresa d´Ávila e Santa Catarina de Sena, Doutoras da Igreja. Foi um sinal forte num processo que ainda hoje não chegou à sua realização completa. São João Paulo II deixou-nos, não apenas a *Mulieres Dignitatem* e a *Carta às Mulheres,* mas um magistério inteiro marcado pela admiração diante da beleza da diferença sexual. Suas primeiras catequeses da quarta-feira, eram dedicadas à reflexão e à comunicação da beleza contida na Palavra de Deus sobre o que significa ser homem e ser mulher. Eu acredito que ainda não aprofundamos o bastante aquela antropologia da comunhão, que nos faz entender que a plenitude da pessoa não está no indivíduo isolado, mas na unidade dos diferentes, imagem da Trindade. Devemos, a Bento XVI, a carta aos Bispos sobre a colaboração entre homem e mulher, de 2004 (mesmo se a assinou como card. Ratzinger, prefeito da Conguegação da Doutrina da Fé). Este texto abre caminho para o reconhecimento de que tal colaboração é necessária no setor público, na cultura e na política das nações. Papa Francisco pôs o acento na necessidade de colocar tudo isso em prática e por este motivo expressou com insistência a necessidade de haver mulheres em papéis de decisão; e, também, de combater o clericalismo que relega os leigos (mulheres e homens) a postos sempre subordinados.

- No Evangelho, chama-nos a atenção o olhar de Jesus sobre a mulher: a dúltera, a Madalena, Marta e Maria... O que tal abordagem nos ensina hoje?

Toca-me e medito muitas vezes sobre o olhar de Jesus para as mulheres. É notável que para a mulher, o olhar do outro tem um papel importante na formação da imagem de si mesma. O Evangelho nos apresenta cenas belíssimas em que Jesus encontra mulheres muito feridas no campo afetivo: as prostitutas, as pecadoras, as adúlteras. Jesus olha para elas e, no seu olhar, elas redescobrem o quanto são preciosas: que são dignas de amor e capazes de amar. Eu acredito que o universo feminino de hoje possa se sentir refletido na figura da samaritana, cansada de procurar amor e não ver exaurida a sua sede de intimidade. É uma mulher profundamente ferida. A partir do olhar de Jesus, sente-se elevada, dignificada, erguida. Hoje as mulheres têm muita necessidade desse encontro, para curar a sua feminilidade ferida. E não penso apenas nas que sofrem violência, mas também nas esposas, nas jovens, nas religiosas. Jesus toca, liberta e fecunda o nosso ser mulheres.

-Uma das críticas recorrentes é a de se ter pensado na mulher com categorias masculinas, na Igreja. Até que ponto está vivo este risco, e o que comporta?

Eu acredito que ainda esteja vivo este risco, mesmo se de modo muito diferente, nos diversos países e culturas. Penso que ainda devemos renovar mais profundamente a antropologia proposta durante o Concílio (*Gaudium et Spes, 22*), e aplicar as suas consequências no campo educativo, cultural e eclesial. Se isso não se faz, o risco é o empobrecimento: empobrecem-se aqueles âmbitos onde não se sente a voz e o ponto de vista da mulher, e se empobrecem também os homens que trabalham privados do confronto com um “outro” diferente deles, que afirma e torna fecunda a sua virilidade. Sem a presença das mulheres, os homens perdem. E também as mulheres sem os homens. Eu acredito que não existem características que sejam exclusivas de um ou do outro sexo, mas há aspectos que tendencialmente precisam do influxo do outro diferente de si, para se desenvolver. O notável canonista e especialista em questões matrimoniais **Viladrich** fala de uma capacidade de “gerar-se” reciprocamente. Se o homem e a cultura pensam a mulher somente com categorias masculinas, perdemos todos, eles por primeiro.

- A mulher na Igreja. É mais correto falar de papel ou missão?

É correto falar de ambos os conceitos, mas subordinados um ao outro. O mais importante é a missão, no sentido de responder a um chamado. Quando se fala de mulher e Igreja não se trata de reivindicar os direitos ou os desejos das mulheres, mas de todos responderem (homens e mulheres) ao chamado do Senhor, para ser Igreja. Na

missão da Igreja não há protagonistas: todos o são, na medida em que respondem à própria vocação. O papel tem sua importância, mas está subordinado à missão: para realizar a sua missão na Igreja algumas mulheres são chamadas a desenvolver papéis de grande responsabilidade, e isto deve ser sempre mais possível.

- A Igreja é mulher. Compartilhas esta afirmação?

Sim, certamente, mas não só. A Igreja é mulher porque é *esposa e mãe.* O seu *ser Esposa* nos lembra que o vínculo que nos une ao Senhor é um vínculo de amor e de comunhão. Lembra-nos que compartilhamos os seus bens e tesouros, e que Ele deu a vida por nós. O seu *ser Mãe* ressalta que a vida de Deus passa pelo seio virginal da Igreja, que dá à luz os seus filhos com dores de parto. Lembra-nos que na Igreja nós nascemos, nos alimentamos, crescemos e amadurecemos. O ser mulher de Igreja põe em relevo alguns aspectos que, se lembrados, nos chamam, todos, à conversão. Lembram que a organização e a hierarquia estão a serviço da pastoral e da santidade, e não o contrário. Mas a Igreja é também o Corpo de Cristo, é Sacramento e Instituição. Nenhum destes caracteres exaure o seu mistério.

- Quais figuras de santas lhe vêm à mente, como modelos para os nossos dias?

Gosto muito de *Santa Teresa de Jesus,* mulher forte, com os pés no chão e o coração no céu. Uma mulher muito feminina, mas que foi capaz de romper com tantos esquemas de seu tempo. Também *Santa Catarina de Sena:* eu acredito que os nossos sacerdotes tenham necessidade da voz e do apelo de mulheres luminosas e proféticas, que os levem a ser mais fiéis a Cristo e ao seu Evangelho. E são numerosas as experiências de mulheres, exemplos de maturidade humana e de vida cristã, profundamente inseridas na sociedade do seu tempo, protagonistas e modelos para os nossos dias: *Gianna Beretta Molla,* mulher amante da vida, esposa, mãe, médica profissional exemplar, ofereceu sua vida para não violar o mistério da dignidade da vida (1994); *Kateri Tekakwitha,* primeira mulher de nacionalidade americana a ser declarada Beata (1980) *e honrada como patrona da ecologia e do ambiente...*

-Quais desafios educativos são suscitados pelo debate em torno da relação Mulher-Igreja?

Os sacerdotes e os religiosos devem ser educados a se deixarem enriquecer pelas mulheres, a não terem medo de um encontro entre iguais na diferença, e a se deixarem interpelar, formar, ajudar, completar. As mulheres, por sua vez, devem ser ajudadas a abraçar a sua feminilidade, curando as feridas existentes, a fim de que a sua feminilidade seja luminosa e fecunda.

Educomunicação: estratégia do encontro

Rosa Mollo, FMA
rositafma@hotmail.com

A missão educativa nas primeiras décadas do novo milênio, nos interroga e nos desafia com o empenho de "alargar o olhar", para reconhecer a complexidade do processo que renova, em nível pessoal e carismático, a possibilidade de "trabalhar juntos" e "sonhar grande" novos caminhos para a revitalização do Sistema Preventivo na educação das novas gerações e no acompanhamento que se traduz em escuta, proximidade e riqueza de experiências (cf. CG XXIII).
Não se trata de percorrer estradas paralelas, nem de discutir sobre a preeminência da educação sobre a comunicação ou da comunicação sobre a evangelização. Somos filhas de um sonhador que soube olhar com harmonia e audácia o horizonte, que apostou sua vida para realizar os seus sonhos e dar sentido ao seu agir, com um olhar amplo capaz de promover o equilíbrio, a convergência, a capacidade de admiração e de construir um ambiente educativo que fosse "boa notícia para todos".

Sonhar juntos para construir

No trabalho de pesquisa sobre a educomunicação, conduzido para a tese de doutorado, revelou-se que, enquanto pessoas, somos uma unidade chamada ao encontro, e que na pedagogia salesiana privilegia-se sobretudo a proximidade como

caminho essencial à inovação e à transformação.

A educomunicação é polissêmica no seu significado e privilegia o acompanhamento dos processos e das ações comunicativas em âmbiato educativo, com a finalidade de construir, segundo a intencionalidade educativa, ecossistemas comunicativos, simultâneos, inovadores, com a possibilidade de formar interlocutores sociais, responsáveis, ativos, respeitosos das diferenças, cidadãos ativos.

Não foi isto o que quis Dom Bosco? Bons cristãos e honestos cidadãos? *Qual é, portanto, o elemento vital que se deve focalizar para revitalizar a práxis educomunicativa? Como fazer para tornar evidente, com um olhar evangelizador, a transformação dos contextos e dos cenários?*

Em primeiro lugar há a necessidade da *escuta,* em um mundo que é caracterizado pela pressa; do *diálogo* em uma sociedade que privilegia o protagonismo dos mais fortes. A experiência que, pouco a pouco, vai se construindo, evidencia que a educomunicação, como nova abordagem na práxis da missão, é uma oportunidade para dizer a pedagogia do ambiente, como modelo pedagógico contemporâneo, que respeita os tempos, os espaços, que torna capaz de convergir e de construir juntos.

Quais são os sonhos no campo da práxis da missão educativa carismática? De que modo influenciam a realidade os nossos sonhos sobre a práxis da missão educativa?

Educomunicação, uma experiência que convida a sonhar juntos para construir, construir para mudar, mudar para transformar.

■Construir para mudar

Sonhamos juntos para construir e construimos para mudar. Esta construção *na perspectiva da educomunicação, coloca em primeiro lugar o trabalho colaborativo, a lógica dos processos, o respeito pelas diferenças e a interdisciplinariedade.*

É possível pensar nisso na gestão da práxis educativa? É possível e urgente favorecer uma mudança de mentalidade, pois é o núcleo fundamental e, isto é, a capacidade de dar vida ao *conjunto;* tal construção articula-se a partir da intencionalidade da convergência para cada um dos matizes em que a vida cresce.

A valorização da interlocução educomunicativa, torna prioritária a possibilidade de fazer novas as significativas propostas em que nos empenhamos seriamente, não para ver os resultados, mas para animar processos e evidenciar os passos alcançados na estratégia do encontro que dá flexibilidade à missão, e a torna verdadeiramente significativa.

Construir as propostas em base à convergência, faz com que o olhar esteja mais centrado na diversidade dos espaços para colher a significatividade da interlocução, que não está na lógica de produtor-consumidor, mas na capacidade de tornar as pessoas construtoras de uma nova humanidade, capazes de recriar autênticos ecossistemas educomunicativos, onde se vive a pedagogia da confiança, da alegria, da comunicação, que vai além da tecnologia.

Construir para mudar, requer um novo espaço social, capaz de privilegiar a formação da pessoa em relação aos outros, convertendo-os em atores de mudança, tutores da “casa comum”, assumindo um estilo de comunicação que se concretize na pedagogia do cotidiano, que privilegie a arte e a expressão, o empenho social, a comunicação com o transcendente, e com a ecologia.

Somos capazes de construir um novo estilo de relação com olhar holístico, que gere autenticidade no olhar e amplie os horizontes?

■Mudar para transformar

Não é fácil começar processos de transformação da realidade. A partir da teoria da complexidade é possível entender como todas estas inovações exigem respeito pelos processos, incluindo a mudança e a desorientação que isso gera, todavia é uma possibilidade que não se pode negligenciar.

A pós-modernidade, a pós-verdade, o mundo virtual e a busca de significado não podem nos deixar indiferentes diante da urgência de se decidir pela mudança em vista da transformação, de transcender os preconceitos e a mentalidade daquilo que “é sempre o mesmo”, “só mudam as palavras”. É necessário redescobrir o prazer, a paixão, o olhar evangelizador, a riqueza do ‘da mihi animas’ que nos empenha a habitar na nova

cultura da comunicação, da rede, da tecnologia onde estão os jovens.

A educomunicação, nos últimos três Capítulos Gerais, foi assumida como estratégia para revitalizar o Sistema Preventivo; um chamado a recuperar o aspecto essencial do carisma que se exprime no empenho de privilegiar o encontro, o diálogo, a partilha e não somente as tecnologias que produzem ao mesmo tempo aproximação e afastamento na experiência de inovar para transformar.

A aproximação da educomunicação é uma realidade que promove convergência tecnológica e valoriza a diversidade dos processos comunicativos nas suas múltiplas formas e no seu empenho de viver e acompanhar a vida como cidadãos do mundo, autênticas discípulas e missionárias de alegria e esperança.

O momento favorável é hoje. Temos diante dos nossos olhos uma grande oportunidade de encontrar espaços para aprofundar este tema na lógica do *sonhar para construir, construir para mudar, mudar para transformar.*

A intencionalidade da educomunicação é sensibilizar, tomar contato com a realidade, criar inquietação a partir de dentro, tecer redes com as realidades diferentes para promover a mudança, a escuta, o diálogo; apontar para a formação de interlocutores sociais que privilegiem o encontro, com as lentes da razão, da religião e da amorevolezza.

PARA APROFUNDAR: - Mollo R., *Navegando no novo continente da educação/comunicação, educomunicação estratégia para o encontro.* CELAM 2015;
- Projeto inter-institucional, *Da articulação da Educomunicação no desenvolvimento solidário da infância e adolescência mais pobre (https://www.rededucom.org/)*
- Âmbito para a comunicação social, *Na cultura da comunicação. Um mapa para nos orientar.* GONGS 5 – Instituto das FMA
Para aprofundar: Morán Beltrán, Lino E.; Méndez Reyes, Johan M. *Da teoria da complexidade à ética ecológica.* Revista de Ciências Sociais (Ve) vol. XVI, n. 1, jan.-abril, 2010, PP. 128-140.

Dizer misericórdia é dizer futuro

Affognon Pascaline e Gabriella Imperatore
affopascaline@yahoo.fr gimperatore@cgfma.org

Tantos jovens pertencentes a povos, culturas, línguas tão diferentes, com um único motivo: celebrar Jesus que está vivo no meio de nós, renovar o nosso desejo de segui-lo, o nosso desejo de viver, com paixão, o seguimento de Jesus".
No parque Blonia, na Polônia, o primeiro abraço ao povo da JMJ Cracóvia 2016: «Felizes aqueles que sabem dar o melhor aos outros. Um coração misericordioso sabe criar um ambiente de casa e de família para quem precisou emigrar, é capaz de ternura e de compaixão» (Papa Francisco, 28 de julho de 2016).

Rose Christelle Ameke Kendza, 27 anos, do Gabon, agente de comércio da Telecom, Import et Export, é responsável dos animadores em Sni Owendo (GABON). Chegou com a delegação do Gabon, guiada por Ir. Etévy Tsona Mouily FMA, e Pe. Guy Merlin SDB. Ela nos conta sua experiência na JMJ. «A JMJ, em Cracóvia na Polônia, foi para mim uma bela experiência, um momento precioso de encontro pessoal com Deus e com outros jovens. Em Cracóvia encontrei o Senhor em todos os lugares. Era um verdadeiro testemunho de unidade. Não havia diferenças entre nós. Éramos um grupo de jovens africanos unidos por um mesmo motivo e por uma só pessoa, Deus. Cinco dias depois de nossa chegada a Varsóvia fomos a Radom, uma aldeia onde nos esperavam as famílias que nos acolheriam. *O que iria acontecer, não conhecendo aquelas famílias, com as quais passaríamos algum tempo juntos?*

Elena e eu fomos para a nossa família. Bárbara e Andrzej, sua filha Isabela e sua netinha Anita, nos acolheram. A acolhida foi calorosa, cuidaram de nós com muito amor, o que me tocou muito, e me perguntei se teria sido capaz de fazer o mesmo gesto com amor. Todos eles nos fizeram sentir em casa, como se houvéssemos sempre pertencido à sua família.

▪Os jovens sempre dão esperança

Como jovem cristã compreendi o que é a misericórdia na experiência de acolhida da família que nos hospedou. **Misericórdia** como *a arte de cuidar do outro,* de compartilhar o que se é e o que se tem. Esta experiência me provou que quando se tem Deus na própria vida, as nossas ações contribuem para a felicidade dos outros, que a minha escolha de servir é uma boa escolha, que a minha decisão de ficar com as crianças, de vê-las contentes e de transmitir o desejo de assim fazer aos outros amanhã, é uma decisão que me torna feliz.

O encontro de Cracóvia interpelou-me fortemente sobre a minha identidade, sobre o empenho dos jovens com outros jovens. Eu me perguntei: *Quem são eles e quem sou eu? Onde quero chegar?* Experimentei a potência do amor de Deus. Aprendi muito a respeito do encontro com Jesus, durante estes dias da JMJ em Cracóvia. Experimentei a alegria e a presença de Deus nas pessoas mais próximas. Esta experiência consolidou o meu amor ao próximo e a Deus. Senti um chamado a fazer gestos de fraternidade e a estar sempre pronta a servir.

■É de Jesus que provém a força da transformação

Depois da JMJ, não quero mais separar-me de Deus e penso muito n´Ele em tudo o que faço. Improvisamente os meus dias se tornam belos e, às vezes, um pouco tristes, quando compreendo que errei. A lembrança desta experiência me dá força e coragem no cotidiano. O meu grande desejo é agora ajudar os pequenos, as crianças, os jovens; desejo viajar para outros países para falar das maravilhas de Deus. Desejo ver como posso conduzir alguém que esteja realmente sem esperança, à única esperança que existe sobre esta terra: Deus.

Há uma palavra do Papa Francisco que me tocou e que guardo no coração: *"Jesus te chama para deixares a tua marca na história, a marca que encherá de vida a tua história e a de tantos outros, e a abandonar os caminhos do afastamento e da divisão».* Quando penso nesta frase penso fortemente naqueles que conseguiram fazê-lo, penso em tantos santos que souberam dizer sim, "sim a Deus" e é esta a luz que ilumina os meus passos.

Eis-me, Senhor! Envia-me para compartilhar o teu amor misericordioso. Quero acolher-Te, quero afirmar que a vida é plena quando é vivida a partir da misericórdia, isto é escolher a melhor parte, a parte mais terna, a parte que jamais nos será tirada!».

Hoje a Igreja olha para os jovens. O mundo olha para os jovens, o Instituto olha para os jovens e quer aprender deles a renovar a sua fé na Misericórdia do Pai que tem o rosto jovem e não deixa de nos enviar para fazer parte do seu Reino. Um Reino de alegria e de felicidade contínua, um Reino que nos leva adiante e nos capacita a mudar as coisas. A misericórdia sempre tem o rosto jovem, e um coração misericordioso tem a coragem de deixar as comodidades, sabe ir ao encontro dos outros e consegue abraçar a todos.

Serviço de autoridade e de poder

Anna Rita Cristaino
annarita.cristaino@gmail.com

Bento XVI, com grande sabedoria, lembrou muitas vezes à Igreja que, se para o homem *autoridade* é sinônimo de posse, de domínio, de sucesso, para Deus *autoridade* é sempre sinônimo de serviço, de humildade de amor. Assim sustenta o cardeal Walter Kasperi: "O serviço de autoridade exclui a força, mas não exclui o poder: a força obriga os outros à própria vontade, o poder liberta a vontade do outro".
É importante portanto inspirar-se na atitude de Jesus servo, que lava os pés dos seus apóstolos para que participem de sua vida, de seu amor. A pessoa chamada a exercer a autoridade poderá fazê-lo somente se, por primeiro, empreender uma peregrinação que conduza a buscar, com intensidade e retidão, a vontade de Deus.

Papa Francisco, em um discurso dirigido aos participantes da assembléia plenária da União Internacional das Superioras Gerais (U.I.S.G.) em 8 de maio de 2013, afirma: «Saibam sempre exercer a autoridade acompanhando, compreendendo, ajudando, amando; abraçando todos e todas, especialmente as pessoas que se sentem

sozinhas, excluídas, áridas, as periferias existenciais do coração humano. Tenhamos o olhar voltado para a Cruz: lá se coloca qualquer autoridade na Igreja, lá onde Aquele que é o Senhor se faz servo até o dom total de si».

É necessário, portanto, um serviço de animação que promova as pessoas em todas as suas dimensões, as torne conscientes de si mesmas e dos próprios recursos, desperte e suscite energias, para que a vida de cada um seja plena.

Um serviço que esteja centrado no essencial que é Jesus, que tem a sua autoridade na autenticidade, que se exprime com profunda humanidade. Um serviço que sabe expressar-se de modo simples e direto, que é um "caminho com as irmãs e os irmãos", que busca a vontade de Deus.

Um serviço que esteja centrado no essencial que é Jesus, que tem a sua autoridade na autenticidade, que se exprime com profunda humanidade.

Um serviço profético, que tenha a coragem de "sair e fazer sair", que expresse e difunda a cultura do encontro. Um serviço alegre, portador de esperança. A autoridade é necessária em cada organização que envolve as pessoas. **François Rossetti Herbelin** afirma que "as funções da autoridade são principalmente: garantir a observância da lei, facilitar a tarefa do grupo e facilitar as relações internas. Facilitar o dever do grupo consiste na animação do grupo, na coordenação dos esforços, nas decisões acerca dos meios apropriados para alcançar os objetivos do grupo. Ao passo que a facilitação das relações internas, consiste em aumentar a coesão, em reforçar a moral, em manter a unidade do grupo".

Quem é chamada a desenvolver o serviço de autoridade fará da informação e da comunicação, um instrumento eficaz para favorecer a tomada de consciência, a corresponsabilidade e o empenho dos membros. A delegação de algumas responsabilidades é o modo mais eficaz para reconhecer espaços de liberdade e criatividade. É importante que a comunidade tenha um projeto preciso, que saiba escolher programas ou processos que respondam às indicações gerais das Constituições e às próprias circunstâncias específicas e concretas. Deste modo o serviço de autoridade envolve todas as pessoas e, obedecer significará assumir as próprias responsabilidades.

Um serviço que sabe expressar-se de modo simples e direto, que é um "caminho com as irmãs e os irmãos", que busca a vontade de Deus.

■O que é o poder?

*Partindo do ensinamento de Jesus, o que significa o **poder** em nossa vida religiosa? Se o poder não é exclusivo de quem tem a autoridade, de que modo, cada irmã, experimenta e exerce o próprio poder na comunidade local, nas obras ou na missão que lhes foram confiadas?*

Estas são perguntas que nos levam a refletir antes de tudo sobre a nossa capacidade de ser consagradas adultas que sabem gerir com respondabilidade, liberdade e autonomia, relações profundas que sabem agir visando apenas o bem da comunidade e da missão.

O exercício de novas formas de organização e coordenação poderia promover uma maior participação ativa e plural, a escuta de todas as vozes, levando em consideração as opiniões de um número maior de membros.

■A tentação do poder

A tentação do poder alcança todo ser humano. É preciso ser conscientes e sinceras, reconhecer que o obstáculo maior ao *discipulado dos iguais* e às dinâmicas circulares é o '*não quero'.* Não quero deixar a minha segurança, as minhas ideias e os interesses pessoais, não quero que outras pessoas cheguem e façam de modo diferente, não quero perder o *status,* o privilégio afetivo ou material que tenho, etc.

Existem grupos de poder que reivindicam os lugares para as próprias representações, e agem como grupos de pressão! *Como fazer para escutar cada irmã e irmão e ter uma suficiente flexibilidade para discernir, sem pressões nem jogos psicológicos, entre uma ou mais pessoas da comunidade?* E, como em todos os grupos humanos, em nossas comunidades existem tensões e diferenças que não podem, todavia, frear o processo de discernimento comunitário.

A mudança de estilo e de relacionar-se de modo mais circular na vida comunitária e na missão, necessita também de experiências

práticas, como dedicar momentos específicos à partilha fraterna e o exercício do discernimento comunitário.

A busca de si, por meio da busca do poder, é uma inclinação da natureza humana que precisa ser pessoalmente analisada, porque faz parte de uma tentação do ser humano. Isto exige vigilância para descobrirmos o que nos impede de servir, porque não podemos deixar-nos prender pelo narcisismo nem pela busca de satisfação pessoal, de reconhecimento, de apoio ou de status no exercício do poder; nem procurar fazer prevalecer os próprios interesses e concepções. *Como preparar-nos para não nos eximir quando a responsabilidadae está em nossas mãos? Como nos deixamos interrogar para não confiarmos em nós mesmos, exclusivamente, em nossa visão, experiência, conhecimento e opinião?* As pessoas têm duas tendências: assumir o poder como absoluto e próprio, ou iludir-se esperando que outros assumam a própria responsabilidade. A revisão pessoal e comunitária leva a purificar tanto da tentação de onipotência, de quem assume tudo sozinho e não dá a possibilidade de participação aos outros, quanto do abandono de quem abandona o que lhe compete e deixa ir para os ares outras decisões.

Um serviço profético que tem a coragem de "sair e fazer sair", que expressa e difunde a cultura do encontro.

Exercer o poder não é um privilégio só de quem ocupa cargos e coordenações. Em uma família, em qualquer grupo, na comunidade, todos e todas exercemos o poder sempre a serviço dos outros.

Comunicar dentro e fora

Maria Antonia Chinello
mac@cgfma.org

Fazer comunicação custa. Não fazê-la, custa muito mais. A comunicação deve ser eficaz, porque a comunicação de má qualidade custa tanto quanto a boa.
Por isso, no aprofundamento da "comunicação institucional", é importante parar para refletir sobre como comunicamos dentro e fora as nossas comunidades, as nossas obras. É como individuar e não perder o fio que une – sem ser visível – as pérolas de um bracelete, de um colar.

Comunicar dentro e comunicar fora são duas ações de uma mesma realidade, inseparáveis, com exigências, instrumentos e metodologias diferentes. Assim como é fundamental distinguir entre comunicar e informar, assim também é importante especificar a diversidade entre comunicação interna e comunicação externa.

A **comunicação interna** está voltada às pessoas que vivem e trabalham em uma organização, uma empresa, uma instituição, e influi sobre os comportamentos e os processos de decisão, em vista de uma coesão sempre maior.

A **comunicação externa,** em vez, dirige-se ao ambiente e aos contextos em que uma organização, uma empresa, uma instituição opera, e a sua finalidade é fazer interagir a obra com os seus múltiplos destinatários, não apenas os destinatários diretos, mas também os potenciais.

Podemos imaginar as organizações, de qualquer tipo, como um iceberg. O iceberg é um enorme bloco de gelo que, destacando-se da parte da frente de uma geleira nas regiões polares, pode ser arrastado pelas correntes oceânicas ou pelos ventos, para muito longe de sua origem. Sabe-se que, a parte emersa, visível a quem observa, é, em proporção, a mínima parte da massa de gelo submersa, que não se vê.

Assim, cada organização manifesta uma frente ativa, visível, e uma zona, poder-se-ia dizer, "fantasma", nas quais os membros, as pessoas que ali vivem e trabalham instauram e operam com dinâmicas que, às vezes, roçam a negligência e a desmotivação. Alguns exemplos? Um telefone que toca sem que ninguém responda; dissídios e discussões "em público" diante das pessoas que frequentam o ambiente; o drible das responsabilidades, a ação do "passar a bola" quando se verificam interrupções, atrasos, promessas não mantidas... Poderíamos continuar elencando.

Henry Jenkins afirma que «hoje a comunicação é um trabalho em rede no qual torna-se sempre mais importante personalizar a relação. Está em andamento um processo de "hiper-socialização" no qual a comunicação deve ser relacional e *transmidial».* Por isso é importante que entre os vários canais, entre as várias modalidades e formas com que se comunica, haja continuidade, acordo, integração; que seja assegurada a ética e a transparência nas relações e nas dinâmicas relacionais; que se programe a circularidade da liderança, mais do que a verticalidade da direção; que haja convergência ao simplificar e facilitar os processos comunicativos.

> *«Se você quer um ano de prosperidade, faça crescer o grão. Se quer dez anos de prosperidade, faça crescer as ávores. Se quer cem anos de prosperidade, faça crescer as pessoas» (Anônimo, dinastia Ming).*

■A comunicação organizativa

É esta a comunicação organizativa: cada organização, cada empresa, cada associação (cada comunidade e cada obra, poderíamos acrescentar!) onde a comunicação assume um papel estratégico na gestão das dinâmicas internas e externas. O que é interessante é que, enquanto se coloca no centro a comunicação, assiste-se ao crescimento da necessidade de comunicar. Por isso é mais correto entender a comunicação como um processo e não apenas como uma estratégia. A comunicação de uma organização rege-se em dois fluxos: o centrípeto e o centrífugo, e três direções: horizontal, vertical, transversal. Eis os detalhes: No fluxo CENTRÍPETO cada pessoa, cada membro, é uma **antena receptiva** da própria organização; no **fluxo** CENTRÍFUGO, em vez, cada membro é um **embaixador** da própria comunidade.

A **direção** VERTICAL está em duplo sentido: o **descendente** com uma função de guia, estímulo, verificação; o **ascendente,** com uma tarefa de escuta, partilha, monitoramento. Quanto mais a comunicação ascendente for ativa, tanto mais a comunicação será correta e completa.

A **direção** HORIZONTAL configura-se em uma **comunicação de troca,** de relação e interação.

Enfim, a direção TRANSVERSAL é a **comunicação dialógica** e se explicita no confronto, na dialética da escuta/palavra.

Na **comunicação interna** cada um é, ao mesmo tempo, «fornecedor e cliente: o colega no monte é o fornecedor do seu cliente, o colega no vale». Talvez esta definição manual possa soar um pouco estranha, os termos usados não pertencem ao nosso vocabulário ou ao nosso imaginário de referência. Mas, nós vivemos diariamente esta realidade: a de estarmos presentes umas às outras, a de compartilharmos com os colaboradores leigos e leigas a corresponsabilidade nas várias tarefas e papéis em que se explicita a missão educativa da qual todas participamos: a animação da comunidade, a gestão das escolas, a organização de um dispensário ou de uma casa família, ou de um reforço escolar, etc.

Na **comunicação externa,** as relações tendem a ser "transmidial" e integrar todas as mídias que ativam informações e comunicações relativas à organização.

A pergunta é: *o que comunicamos de nós, de nossa obra, de nossa missão àquelas pessoas das quais nos aproximamos, seja em nível formal, não formal ou informal?*

■Comunicação: ida/volta

A comunicação é processo, fluxo e direção. Num percurso de reciprocidade, nunca apenas de ida. O objetivo é criar e comunicar uma imagem de organização, grupo, comunidade coesa em torno de valores, princípios, ideias, ações. Em outras palavras, a convergência em torno da missão, como se costuma dizer: «todos remando na mesma direção».

Comunicar dentro e fora tem como objetivo fazer circular as informações; criar uma cadeia sem anéis frágeis; desenvolver o espírito de colaboração e o senso de pertença. Não somente. Obter que todos os canais de comunicação hoje disponíveis, possam ser integrados em sinergia para dizer e relatar, dar a conhecer e tornar visível, tangível, a nossa paixão pelos jovens, a nossa escolha de vida, a nossa resposta cotidiana ao chamado a ser educadoras. Dom Bosco dizia: «O mundo tornou-se material e é necessário dar a conhecer o bem que se faz».

Marie Heurtin – Da escuridão à luz

de Jean-Pierre Ameris

da Redação

Não é fácil imaginar como uma pessoa pode viver numa realidade sem som, sem palavras, sem imagens. Ao contar a história de Marie Heurtin, o diretor tem o mérito de respeitar a realidade histórica, dando vivacidade e ritmo a uma narração nada formal ou simplista. Tudo transcorre de modo progressivo e natural, delineando a personalidade das duas mulheres, sua férrea vontade de enfrentar a vida e a morte, o *handcap* e a autonomia, a escuridão e a luz, o dar e o receber.

A história se desenrola na França, no final do século XIX. Nascida numa família de agricultores de Loire, a pequena Marie (representada por Ariana Rivoire, artista surda, também na vida real) não vê e não escuta, e ninguém sabe o que fazer. Mesmo tendo crescido cercada pelo infinito amor dos pais, a menina é um animalzinho em estado selvagem, livre, mas frágil porque incapaz de se comunicar e de respeitar qualquer regra. O pai a confia às Irmãs do vizinho convento de LARNAY, onde as religiosas estão habituadas a trabalhar com meninas "diferentes". Uma entrega incômoda que nem mesmo a Madre Superiora (Brigitte Catillon) iria aceitar se não interferisse Ir. Marguerite (Isabelle Carré), com a força que somente a iluminação divina pôde dar-lhe, decidida a encarregar-se da menina. A qualquer custo.

> *«Valem confiança e coragem, mas Cristo nos pede para fazer concretamente a sua vontade, justamente aqui na terra».*

Uma possível leitura

Duas viagens no Espírito, dois percursos singulares de crescimento: o da garota de catorze anos Marie Heurtin, cega e surda, imersa desde o nascimento no silêncio e na escuridão, porque incapaz de expressar uma comunicação; e o de Ir. Marguerite, com saúde precária, decidida a estabelecer com ela um canal de comunicação, para trazê-la fora do seu isolamento.

Marie responde com a rejeição, escapa sobre as árvores, se rebela, assume uma atitude de total sublevação, mas Ir. Marguerite não se rende e lutando com firmeza consegue estabelecer com ela uma relação de atenção e confiança. Nasce assim um percurso de ajuda e de guia ao conhecimento, que lembra o de uma mãe diante do próprio filho. Um liame tangível que se desenvolve por meio do contato dos dedos, do olfato e do calor das mãos, únicos meios para entrar em comunicação com a outra.

> *«Queria que o filme fosse luminoso – afirma Améris". Relatar as mãos de Marie que tocam os animais, as árvores, os rostos significa relatar a história de uma libertação, de um renascimento»*

Uma sintonia recíproca

Assim começa aquilo que no início parecia uma batalha. Um desencontro entre racional e irracional. Marie escapa sobre as árvores, morde, enfurece-se, manifesta-se numa forma de total rebelião. Marguerite, paciente, mas resoluta, opõe-se a ela, mas a aceita, estabelecendo, pouco a pouco, uma relação que lentamente se transforma em familiaridade, afeto e amabilidade; em sintonia recíproca. Uma primeira vitória depois dos insucessos e desconfortos. Ir. Marguerite, investida pela graça divina e forte na Fé, não se detém e com um passo depois do outro, com amor, precisão e constância, ensina a Marie a linguagem dos sinais, por meio do contato entre os dedos, o olfato e o calor das mãos. Empenha-se com todas as forças para trazê-la fora da sua marginalização. Superando momentos de fadiga e desânimo, as duas protagonistas abrem-se a um relacionamento profundo de confiança recíproca, que as levará a descobrir uma modalidade comunicativa nova, feita prevalentemente de contatos das mãos e do rosto.

Um verdadeiro milagre que, porém, não abre as portas à felicidade porque Marguerite adoece com tuberculose. Marie, sem ela, regride à sua primeira condição tanto que a

Irmã volta a Larnay para, imolando-se, completar a sua missão divina.

> *«Eu gosto de relatar vidas de pessoas, que possam pertubar e desestabilizar, esperando que o público, depois de conhecê-las, as ame também por meio do filme e que, depois de tê-las visto, mude o seu modo de ver, e não sinta mais medo.*

Mensagem de amor

Um mundo que se comove, um mundo onde tudo o que é vivo pulsa sob os dedos. Num simples relevo, numa doce constatação a Irmã, irradiando luz celeste, colhe e penetra o sentido profundo da vida, decodifica o significado da natureza. É a mensagem que transmite a Marie, "a minha alegria, o objetivo da minha alma, a luz da minha vida", deixando-lhe tudo isso como herança. Constrói uma legenda da didática para surdocegos, por meio da qual Marie Heurtin, figura que realmente existiu, como a de Marguerite, teria em seguida aprendido em Larnay, onde o Instituto é ativo ainda hoje, o Código Braille (sinais de pontuação, números, símbolos matemáticos e musicais), a utilização da máquina de escrever, o trabalho em malha, os jogos, as noções de história e geografia, o significado do tempo e do seu transcurso. Na crônica das pequenas, aparentemente insignificantes e grandiosas conquistas alcançadas por Ir. Marguerite em sua aluna, o filme joga a sua estética sobre a linguagem dos gestos, no verde e no sol da campina francesa, nos quartos escuros de Larnay, nos silêncios e na íntima comoção que os personagens são capazes de transmitir.

No filme, sente-se muito a força da fé. É isso que mostra Ir. Marguerite: não uma fé teórica, mas uma fé "em ação", que pode incomodar.

A história de Marie e de Marguerite é plena de esperança. A religiosa não perde tempo em chorar pelo fato de Marie ser surda e cega. Mesmo nos momentos de desconforto, diz a si mesma: *«A vida, por enquanto, é um calvário. Que estrada devo percorrer?».* Mas nunca cedeu. Com as armas da confiança e da fé, consegue comunicar e, passo a passo, dar a Marie a possibilidade de expressar-se e de conviver com os demais. Assiste-se o desabrochar de uma existência em sua plenitude. «Vejo um espetáculo maravilhoso, uma explosão de linguagem. A dificuldade estava em aprender a primeira palavra», afirma Marguerite. A morte também não é triste, e é comunicada a Marie como parte da vida. A Irmã morre com o abraço de Marie, a "filha da sua alma", como a chama, feliz por ter tido tempo de completar o seu trabalho. "A fé não pode existir sem as ações".

> ***"Em tempos de difícil diálogo entre pessoas, religiões e culturas, pareceu-me importante lembrar esta história verdadeira sobre o como se tornar parte de uma coletividade", explica o diretor. "Muitas vezes damos pouca importância ao valor das palavras, que não são somente sons, mas anéis de uma corrente que nos liga uns com os outros"***

A experiência de Marie Heurtin é uma história verdadeira, de fé profunda, de amor pela vida e pelo próximo, de esperança... "somente relações humanas autênticas podem derrubar os muros da incomunicabilidade e zerar as diversidades, tanto físicas como sociais".

COMUNICAR *Literatura*

Lion. A estrada para casa de *Saroo Brierley Énard*

Emilia di Massimo
emiliadeimassimo@libero.it

Imagina de ter cinco anos, de mal saber o teu nome e de nunca ter saído da tua aldeia. Imagina de subir por engano num trem e de improviso as portas se fecham. E no final da viagem imagina de te encontrares na mais pobre e caótica cidade do mundo, Calcutá. É a verdadeira história de Saroo. Torna-a extraordinária o que acontece 25 anos depois: aquele mesmo menino, agora um rapaz crescido na Austrália, decide reencontrar a mãe e os irmãos. Uma viagem maravilhosa e comovente em busca das próprias origens, ao longo da estrada que leva para casa. Um hino à

esperança, ao poder dos sonhos e à coragem de nunca desistir.

■Um indiano na Austrália

Saroo Brierley é autor e protagonista do romance "*Lion. A estrada para casa",* do qual é extraído o homônimo filme. Saroo narra em primeira pessoa a sua história, que se tornou mais extraordinária pelo que acontece 25 anos depois, quando já é um rapaz que, depois de ter crescido na Austrália, decide reencontrar a mãe e os irmãos na Índia. Começa, assim uma viagem maravilhosa e comovente em busca das próprias origens, ao longo do caminho que leva para casa. É um hino à esperança, ao poder dos sonhos, à coragem e à tenacidade, mas é também a narração de uma série de acontecimentos ricos de temáticas e de significados, capaz de fazer emergir a crueldade da vida, a doçura de uma mãe, a proteção de um irmão, o engano dos mais poderosos para um menino inocente que perdeu tudo. Os múltiplos acontecimentos narrados representam duas realidades opostas presentes em dois polos diferentes do mundo. A viagem empreendida pelo protagonista, indiretamente, põe em confronto duas culturas, a australiana e a indiana, propiciando uma profunda reflexão sobre a realidade de ontem e de hoje, fazendo captar, tanto o encontro como as diferenças que nele estão presentes. O espaço e o tempo, porém, não conseguem deter a vontade de Saroo, que é guiado pela lembrança de um passado que marcou indissoluvelmente a sua existência, pela busca da própria identidade por meio do amor por aquilo que foi e que, em qualquer parte, sente que ainda deve ser.

A história começa com o pequeno Saroo, um menino de 5 anos, de Madras, que decide, certa noite, acompanhar o irmão mais velho não longe de casa, ao distrito indiano de Khadwa, para transportar fardos de feno. Porém, não resiste ao sono. Acorda sozinho e apavorado. À procura do irmão, sobe num trem parado, que parte antes dele conseguir descer, e então, percorre 1600 quilômetros, encontrando-se em Calcutá, sem nenhum conhecimento do bengalês e nenhum modo para poder explicar de onde vinha. Depois de uma série de peripécias, acaba num orfanato e é adotado por um amável casal australiano.

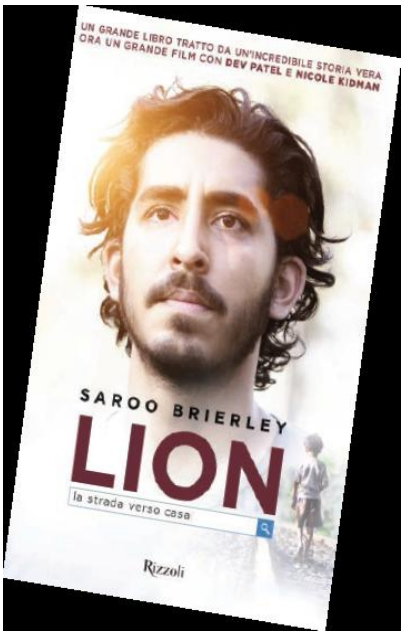
■Em busca das próprias raízes

Passados vinte anos, quando Saroo se transfere para Melbourne a fim de estudar, na cidade da globalização e do multiculturalismo, encontra-se também com o seu passado. Uma família de indianos o convida para o jantar e, ao experimentar um doce típico, emergem em sua memória, involuntariamente, imagens que o levam aos seus traumas, à India, à sua família. *Onde estão? De onde venho realmente? Quem sou eu?* A partir destas perguntas começa uma viagem interior, que mudará o curso da sua história. Mediante o Google Earth, e com a ajuda de suas lembranças da infância, Saroo põe-se em busca da sua família. O projeto de reencontrar a mãe e o irmão tomam sempre mais corpo, nasce a esperança de que realmente seja possível reencontrar os lugares que continuam a agitar o seu sono. Passará as suas noites no Google Heart, para investigar cada linha ferroviária da Índia, em busca de um lugar que lhe seja familiar, um indício que o leve lá onde a viagem havia começado. A procura verbaliza os sentimentos: *"Era este o meu medo maior, o terror paralizante que, em anos e anos de busca, havia escondido no ângulo mais remoto da minha mente: que uma vez encontrada a minha casa, a minha família não estivesse lá".*

A narração é densa de sentimentos, incrivelmente alta em nível emotivo; intensa, induz à reflexão e se revela uma história de paciência e de determinação infinitas. «Sinto-me perdido e não sei o que fazer. Não é a primeira vez que me acontece. Ainda, mesmo tendo trinta anos, um pouco de dinheiro no bolso e um bilhete para voltar de onde vim, sinto-me exatamente como me sentia há tantos anos atrás, quando estava sozinho e perdido naquele binário. Faço fadiga para respirar e a minha mente continua a correr. Gostaria de poder mudar o passado». As sensações de Saroo nascem sobretudo do modo como ele se pôs diante da própria existência, com uma atitude que tornou a sua vida uma epopeia maravilhosa, uma viagem cheia de aventura que é um caminho no coração, capaz de dar um novo sentido à palavra família. «Devia descobrir de onde vinha, mesmo apenas para deixar tudo para trás. Queria rever o lugar com que tantas vezes havia sonhado». Saroo define como milagrosos os aspectos da sua história, reconhece que na sua vida agiram forças que vão além de sua compreensão, e está

convencido de que desde o instante em que como menino se extraviou-se e perdeu a sua família, até quando se tornou um homem que tem duas famílias, tudo foi predisposto a acontecer precisamente do modo como aconteceu: «E é um pensamento que me torna profundamente humilde».

"Estou começando a me lembrar de uma vida da qual havia me esquecido.



Saroo Brierley nasceu em Khandwa, na Índia, e vive em Hobart, na Austrália, com sua família adotiva. O seu livro é uma incrível história verídica, traduzida e publicada em muitos países. Agora um grande filme com Dev Patel e Nicole Kidman.

Carta a uma jovem na Turquia

de Antonia Arslan – Rizzoli, 2016

"Tu deves ter uma coragem nova, minha jovem da Turquia. Querem te enviar de volta ao passado, enquanto a ti agradam cabelos ao vento e saias leves, escutar músicas fortes, andar para lá para cá com os amigos e te sentires igual a eles. Gostarias de lutar com o rosto descoberto. E, em vez, deverás descobrir de novo a coragem subterrânea dos fracos, a audácia que se move na sombra, e buscar na tua história antiga a razão e a força para sobreviver".

São as palavras de Antonia Arslan na sua carta imaginada a uma jovem turca. A autora repercorre as histórias de suas antepassadas armênias, tecendo um relato que se desvenda por meio de um fio esticado desde tempos antigos para chegar até os nossos dias. Porque o falso medo que fere a cada dia, as obscuras premonições que se propagam do Oriente ao Ocidente, de Istambul a Bruxelas, são as mesmas das mulheres armênias que se sacrificaram em nome da liberdade. O antídoto contra o medo é a memória, é o tapete das histórias de quem improvisamente sofreu uma subversão do seu mundo.

Um livro atualíssimo, uma viagem extraordinária que dá vida às histórias de mulheres que lutam pelo próprio futuro e para permenecerem elas mesmas.

Se você é mulher, é preciso uma audácia extraordinária para ficar livre e tomar nas mãos o seu destino. Um livro para continuar a lutar.

Antonia Arslan, de Pádua e de origem armênia, ensinou Literatura italiana moderna e contemporânea na Universidade. Autora de ensaios sobre a narrativa popular e sobre as escritoras italianas do século XIX; traduziu o poeta armênio Daniel Varujan.

A influência das redes sociais na música

Mariano Diotto
m.diotto@iusvre.it

A música sempre acompanhou e acompanha a nossa vida, e sublinha seus momentos positivos e negativos. É também uma companheira de viagem. Quem não se encontrou escutando uma canção depois de muitos anos, e experimentou a mesma emoção de tantos anos antes? No carro, no ônibus, nas estradas, nos concertos, escutamos música, ou ao vivo ou por meio de um dispositivo como o rádio ou o iPod. O resultado é sempre o mesmo: a música preenche a nossa vida.

A música não é apenas importante porque nos acompanha, mas também porque **é uma forma de memorização dos sentimentos.** Esta **memória dos sentimentos** está hoje ainda mais presente graças às redes sociais que permitem "fixar no tempo" a experiência musical. Se hoje se assiste a um concerto é fácil ver como o público de fotógrafos filma por meio do próprio *smartiphone* a exibição dos cantores para depois publicá-la no própria *rede social*. O Facebook, o Twiter, o Instagram, o Youtube, o Snapchat se tornaram o meio através do qual narramos a nossa experiência musical. Documentar a própria presença e a própria experiência musical é algo já consolidado. Mas é melhor conservar exclusivamente na memória este sentimento ou imortalizá-lo e publicá-lo nas Redes Sociais? Recentemente a cantora inglesa **Adele** durante o concerto na Arena de Verona dirigiu-se a uma fã que a estava filmando do público, dizendo: *«Quero dizer àquela senhora que pode parar de me filmar porque estou aqui na vida real. Não é um DVD, é um show ao vivo. Eu gostaria muito que tu pudesses gozar realmente do meu show».*

As redes sociais em apoio à música

As redes sociais têm mudado a relação entre fã e cantor porquanto permitem a comunicacão direta e a partilha das emoções e sensações. Todos os cantores atualmente durante os seus concertos já realizam uma apresentação ao vivo através de uma rede social onde os fãs, que não puderam assistir ao concerto, possam vivê-lo mesmo por poucos minutos apenas, ou relatam a iminente saída do seu novo CD. Assim, **as redes sociais adquiriram uma importância estratégica na comercialização da música apoiando-se em todos os outros meios de comunicação** tradicionais. O cantor pode ir à televisão e promover o seu novo trabalho, realizar um programa radiofônico para relatar como nasceu o novo CD, mas agora pode também acompanhar os próprios fãs por meio das redes sociais desde a ideação das novas músicas, à gravação no estúdio, à realização do vídeo promocional, até a emissão do produto que é colocado no mercado. Deste modo o público acompanha o cantor durante toda a fase criativa musical até terminar o produto que é somente o último passo de um percurso articulado e dinâmico.

Mimmo D´Alessandro, fundador da famosa agência de promoção musical e business D´Alessandro e Galli, diz: «Seguramente alguns artistas aprenderam a usá-las , mas eu estou habituado à velha maneira. Certamente as redes sociais mudaram o mundo, também para melhor».

Nasce assim uma nova figura profissional que apoia o cantor na utilização das redes sociais que é a ***social midia mananger.*** A sua tarefa é trabalhar em estreito contato com o cantor e programar a sua presença em rede. Guiará o artista a realizar um contato estreito com o próprio público por meio da publicação de vídeos exclusivos, foto com os fãs, *backstage* dos concertos e assim por diante. O cantor encontra-se assim pronto para planejar os próprios concertos e também a sua presença nas redes sociais.

As novas redes sociais musicais

Os cantores, os gerentes e as gravadoras, graças a estas novas plataformas

entenderam que, para manter o sucesso è necessária uma maior interação entre os cantores e seus fãs. Estão portanto nascendo novas redes sociais que permitem uma maior aproximação. **Smule, por exemplo, é um aplicativo móvel e, ao mesmo tempo, uma verdadeira rede social** que põe em contato cantores aspirantes de todos os níveis, com os seus ídolos, permitindo-lhes realizar um verdadeiro dueto através de uma *web cam* e um microfone. Assim jovens desconhecidos de todo o mundo puderam fazer dueto com famosos cantores como Drake, Charlie Puth, Lukas Graham, Mike Posner, Jason Derulo, Shawn Mensdes, Sarah McLachlan, Jessie J e outros, realizando um sonho que antes parecia irrealizável. Um outro exemplo é **Fans.com que se define: a rede social para vários fãs.** Nesse site, que é também um *app móvel*, cada usuário constrói o próprio perfil escolhendo os cantores preferidos e selecionando os concertos dos quais participou, de um banco de dados de milhões que, ao vivo, subiram ao palco nos últimos dez anos. Podem-se disparar fotos, vídeos, escrever comentários e interagir com usuários que têm as mesmas paixões musicais. É possível gerir o próprio calendário de eventos e, se um artista preferido anuncia um concerto nas vizinhanças, uma notícia avisa imediatamente, de modo a não se perder nenhum concerto ao qual se esteja interessado. **Pode-se assim afirmar que neste momento o sucesso de um cantor não está mais apenas ligado ao número de cópias de CD vendidos ou às presenças aos próprios concertos, mas também ao número de *follower* que se tem nas redes sociais.**

COMUNICAR *Laboratório Imagem*

Entre foto de surpresa e foto dirigida. Ideias para fotografar.

Caterina Cangià
sistemet@thesistemet.it

Quando as pessoas desempenham o papel principal, estamos fazendo um retrato, ou aquele tipo de fotografia mais fácil de ser realizado tecnicamente. De fato, é suficiente escolher de modo correto a iluminação, o fundo e a perspectiva para depois concentrar-se no "sujeito" estabelecendo um diálogo útil para fazer transperecer em toda a sua luminosidade a personalidade de quem estamos fotografando. Ora, se as fotos de surpresa são espontâneas e verdadeiras, saber instaurar uma espécie de cumplicidade com as pessoas a serem fotografadas, permite superar a sua rigidez, encorajando-as a colaborar pelo bom êxito da ideia que se quer expressar e, no melhor dos casos, permite torná-las autoras, conosco, do projeto em curso.
Isto sem esquecer que o rendimento de um retrato e o seu forte impacto sobre quem o vê não estão ligados à máquina fotográfica que possuímos mas ao olhar que cultivamos em nós.

■Escolher o fundo, as fontes luminosas e a perspectiva para uma fotografia dirigida

Se o fundo está muito carregado, colorido e distraindo a atenção, não nos ajudará na realização de um bom retrato. Qualquer que seja o tipo de papel, pode servir de fundo na condição de que seja suficientemente grande. Os fundos profissionais estão disponíveis em dois comprimentos padrões: 2 metros e 72 centímetros x 1 metro e 36 centímetros ou 3 metros por 6 metros. Existem também fundos em metragem. Há fundos de papel, de estofa, de vinil ou translúcidos, laváveis ou *antistrappo.(www.fondalifotografici.it).*

Para os retratos em Branco e Preto é importante escolher uma cor que restitua, na fotografia, um cinza médio.

Pelo que diz respeito às fontes luminosas, a escolha mais simples consiste em aproveitar a luz que provém de uma janela. Isto implica porém que se façam os retratos entre 12 e 15 horas. Se nossa concentração – e a do nosso sujeito – se cala com o calar da luz, é oportuno criar uma falsa janela-de-luz colocando lá onde existe a janela uma fonte luminosa que a imite. Melhor ainda se colocarmos um painel refletor que recebe diretamente a luz do farol e a reflete no rosto

do nosso sujeito recriando a iluminação que viria da janela. No comércio encontram-se refletores circulares de cor branca ou prateada, mas podemos utilizar uma velha tela de projeção para diapositivos ou uma velha porta pintada de branco. Quando afastamos a fonte luminosa do sujeito a ser fotografado diminuimos a diferença da intensidade de luz sobre duas partes do rosto, esquerda e direita. Com um pouco de prática podemos nos tornar especialistas em retratos, com luz natural.

Do ponto de vista da ótica, e em condições de escassez de meios, uma lente de 50 milímetros, é a precisa. Uma longa distância focal nos permitirá aproximar-nos do sujeito sem desconfortá-lo. Se possuímos uma lente 35-70 mm devemos ir mais para os 70mm do que para os 35. Se possuímos mais lentes, vamos para os 85 ou 105 mm. Uma vez preparado o pano de fundo, posicionada a iluminação e escolhida a ótica, metade do trabalho está feito. Agora começamos a dialogar com o sujeito, como já foi dito no número anterior da revista.

■O valor da foto de surpresa

O convite: "Atenção, olha para cá que eu estou te fotografando!" é capaz de transformar um excelente retrato instantâneo numa pose sem sentido. Não arrumemos a pose dos nossos sujeitos, mas deixemos que eles ajam: subir uma escada, colher flores, observar alguma coisa. Mesmo uma atitude não ativa como: descansar na poltrona ou apoiar-se num suporte, pode parecer natural. Os retratos de grupo requerem uma sistematização que deveria sugerir uma disposição causal do próprio grupo. Para todos os retratos instantâneos convém disparar uma sequência se imagens para que depois seja possível escolher a melhor delas. A composição requer a sua parte na foto espontânea. Se o dia está nublado, os camisolões coloridos e as jaquetas coloridas vão ajudar a transformar uma insignificante atmosfera invernal numa bela foto de grupo, colorida.

Quando nos preparamos para o disparo da foto, mudamos levemente o retrato para um lado da enquadratura, possivelmente o lado direito.

Com as crianças, é preciso grande habilidade. Tratando-se delas, disparamos as fotos de uma certa distância com um aparelho pequeno e, como as crianças se movimentam rapidamente e de improviso, usamos tempos breves para posar. Não manipulamos suas emoções; deixamos que surjam espontaneamente. As criaças provocam emoções verdadeiras. O que dizer da moda do *self timer*? Incluímos a beleza da paisagem, ou do monumento ou de outras pessoas com as quais queremos ser fotografados.

Este recurso que trazemos no bolso ou na bolsa todos os dias, sempre nos sugere a máxima qualidade possível e resolução a partir do menu fotocâmera, para não perder os detalhes e a incisividade; atenção para colher a espontaneidade do momento, sem comandos do tipo: "Pare na ponte!" ou "Sente-se aqui!".

A iniciativa editorial "fevereiro-julho 2017" do National Geographic Itália, consiste em seis volumes presentes nas bancas em anexo à revista. O primeiro volume, dedicado à arte fotográfica aprofunda o tema tanto do ponto de vista conceitual quanto técnico. O leitor é acompanhado passo a passo para familiarizar-se com diversas tipologias de retrato fotográfico e a seguir linhas e guias simples, para obter disparos memoráveis.
http://www.nationalgeographic.it/speciali/2017/02/01/news/master_di_fotografia-3403171/

Além dos livros presentes nas bibliotecas, fornecemos uma lista de endereços de sites que mostram o modo de fazer belos retratos. Inspiramo-nos nos seguintes:
- http://www.alexandriahuff.com/
- ttp://www.samhazelphotography.com/
- de Joe McNally alla sezione Portraits: http://portfolio.joemcnally.com/
- de Joey Lawrence: https://joeyl.com/

Camilla

Palavras verdadeiras, palavras vivas

Eis-me de novo com vocês, caras amigas, que não veem a hora de ler meus escritos, se bem que – eu lhes digo em segredo – tenho receio de que, antes ou depois, vão me despedir pela liberdade que me concedo! Mas não desisto, minhas queridas, e continuo implacável lendo as entrelinhas da vida, procurando capturar os ensinamentos pequenos ou grandes que se escondem nas ações, nos hábitos, nos encontros de todos os dias.

Na vez passada eu lhes propus algumas simples considerações que me foram sugeridas a partir dos objetos que enchem a nossa existência. Estes meses, em vez, dediquei em prestar uma particular atenção às palavras. Sim, porque enquanto as coisas procuram palavras para pedir-nos de não negligenciá-las, as palavras – com crescente frequência – fadigam para terem uma vida normal: ou são abusadas ou são ignoradas.

E, paciência se são ignoradas, isto é, se ficam letra morta e geram aquele silêncio árido, que é isolamento. É triste, sim, mas isso é nada diante do que provoca o abuso das palavras; violadas no seu significado e usadas de modo superficial, sem minimamente refletir sobre qual é, não somente o seu sentido, mas também o seu peso, as palavras se encontram muitas vezes desenganchadas da sua referência à verdade, e são utilizadas impropriamente, como se fossem trocáveis. Não são. As palavras, estes preciosos meios de transporte que permitem, a cada instante, empreender a viagem que, do pensamento conduz à vida, não são indiferentes, isto é, não são impermeáveis à diferença!

Compreendo as vossas objeções, minhas amigas, e procurarei dar um exemplo para explicar-me melhor. Quando dizemos a uma pessoa que lhe queremos UM BEM IMENSO, na verdade estamos mentindo, porque não é possível, aos seres humanos, restituir ao outro um sentimento sem limites, que não pode ser medido. E, com semelhante exagero, acreditem-me, dizemos realmente muitas mentiras!

Em suma, às vezes nos comportamos como tolos que, para irem da casa à paróquia, decidem tomar o helicóptero em vez da bicicleta; e em outras circunstâncias como a dos incautos que, para aventurar-se no meio do mar, preferem confiar nos patins mais do que na barca!

Mas, às palavras, caras amigas, ocorre prestar muita atenção: elas não são neutras e não se podem enfatizar ou reorganizar a nosso bel prazer, porque estão ligadas aos significados que têm; abusar delas, violentar o seu sentido autêntico significa condená-las ao silêncio para sempre, tornando-as insignificantes. Eu me deparei casualmente com Santa Catarina de Sena: "Você se calou o suficiente – disse-me ela. É hora de acabar com este silêncio! Grite com cem mil línguas. Eu vejo que, de tanto silêncio o mundo está quebrado".

Quando morrem as palavras morre o mundo... Somente palavras verdadeiras podem mantê-lo em vida!

Palavras de C.

A Revista **DA MIHI ANIMAS** é online. O convite é para navegar, criar e manter link eletrônicos, estabelecer conexões de pensamento e de troca com os leitores, FMA, Leigos e Jovens, Família Salesiana, para alargar a partilha e a inserção em rede, de conteúdos culturais.
Venha visitar...www. rivistadma.org

O código QR (Quick Response), aqui ao lado, te permitirá fornecer ao teu dispositivo móvel (smartphone ou tablet), diversas informações simplesmente enquadrando-o com a fotocâmera do teu dispositivo. Descarga l´App gratuita, enquadra e poderás compartilhar conosco muitos conteúdos extra.

www.rivistadma.org

«Tende grande confiança em Nossa Senhora, ela vos ajudará em todas as coisas».

(Carta 23, Madre Mazzarello)

Tradução: Ir. Maria Aparecida Nunes fma
Revisão: Ir. Maria Gazzetto
Inspetoria S.Catarina de Sena
São Paulo - Brasil